



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM
LÍNGUA ESPANHOLA**

RAUAN ROBÉRIO SANTOS BATISTA

**O PROCESSO DE SEXUALIDADE MASCULINA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DO PROTAGONISTA DO FILME *STRAPPED* (2010)**

**CAMPINA GRANDE
2019**

RAUAN ROBÉRIO SANTOS BATISTA

**O PROCESSO DE SEXUALIDADE MASCULINA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DO PROTAGONISTA DO FILME *STRAPPED* (2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Habilitação Língua Espanhola.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alfredina Rosa Oliveira do Vale

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333p Batista, Rauan Roberio Santos.
O processo de sexualidade masculina na construção da identidade do protagonista do filme *Strapped* (2010) [manuscrito] / Rauan Roberio Santos Batista. - 2019.
63 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Identidade sexual masculina. 2. Masculinidade. 3. Análise do discurso. I. Título

21. ed. CDD 401.41

RAUAN ROBÉRIO SANTOS BATISTA

**O PROCESSO DE SEXUALIDADE MASCULINA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DO PROTAGONISTA DO FILME *STRAPPED* (2010)**

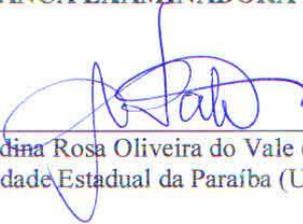
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - Campus I, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Habilitação Língua Espanhola.

Área de concentração: Linguística.

Aprovado em:

19/06/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Alfredina Rosa Oliveira do Vale (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10,0


Prof.^a. Me. Bárbara da Rocha Figueiredo Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10,0


Prof.^o. Mestrando. Antonio Carlos Batista da Silva Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10,0

À minha mãe (Alvani), à minha tia (Alrisângela), às minhas primas (Anniévely e Monalysa), à minha avó materna (Aldeci) e à minha avó paterna (Zuleide; *in memoriam*), pelo amor e dedicação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Certa vez me disseram que eu nunca seria doutor. Esse foi um dos argumentos utilizados para que eu não tivesse acesso a uma educação de qualidade. Minha mãe (Alvani dos Santos), como uma boa guerreira que é, não desistiu de nós (Eu e o meu irmão Raoni), continuou lutando todo final e início de ano para que continuássemos frequentando uma boa escola.

Essas palavras ficaram guardadas comigo durante um bom tempo. Sei que quem as proferiu, não teve a intenção de nos ferir e que em um determinado momento não conseguia entender o sentido de oferecer a mim e ao meu irmão uma boa educação, mas que mesmo assim o fez durante todo o nosso período de ensino regular.

Quando não passei no Enem, na minha primeira tentativa oficial, que foi quando terminei o terceiro ano do ensino médio, me senti muito frustrado. E, essa indagação sempre ecoava na minha cabeça. Não era fácil lidar com todo esse sentimento de fracasso. Entretanto, não desisti. No meu coração a educação era a minha liberdade, bem como uma maneira de provar que eu poderia conquistar tudo que sempre almejei. Consequentemente, no ano seguinte fui aprovado para Letras-Espanhol.

A emoção de ingressar numa universidade não cabia em mim. O meu primeiro objetivo eu tinha alcançado. Em tese, não seria um doutor, porém, o primeiro passo já tinha dado.

Não foi nada fácil ter que sair de Recife para viver em Campina Grande, uma cidade que para mim, era totalmente desconhecida. Ademais, estaria relativamente sozinho nessa fase. Contudo, não pensei duas vezes e disse para minha mãe que iria, e ela, com todo amor e dedicação que sempre teve a mim, me disse o que eu precisava ouvir: “No que eu puder lhe ajudar, lhe ajudarei”. Essas palavras guardei no meu coração e com toda a força que tinha em mim, encarei essa jornada em Campina Grande e na UEPB.

Confesso, não foi fácil. Sair da zona de conforto nunca é fácil. Entretanto, aprendi a viver nas condições/limites que a vida me colocava a todo instante. E, sempre tive em mente que eu escolhi estar aqui e tinha que passar por todas as situações difíceis de cabeça erguida, pois, esse era o caminho para que o meu possível “sucesso” se concretizasse.

Depois de tudo o que eu passei, que não passei sozinho, não posso deixar de agradecer as pessoas que fizeram parte da minha caminhada. Logo, não poderia deixar de especificar alguns nomes que fizeram parte dessa fase da minha história.

Agradeço, a minha mãe Alvani, por ser uma grande mulher que sempre me apoiou em várias fases da minha vida.

À minha tia Alrisângela, por ser como uma segunda mãe pra mim.

Às minhas primas Anniévely e Monalysa, por serem as pessoas mais lindas na minha vida.

À minha avó Aldeci (Nena), pelo seu carinho e dedicação.

À minha avó Zuleide (*in memoriam*), por me oferecer o suporte financeiro necessário para uma vida de conhecimento, assim como o seu amor e carinho.

Ao meu irmão Raoni.

À minha família em geral, pelo seu carinho e confiança para comigo.

À minha amiga de infância Laiza, por ser uma pessoa maravilhosa.

Às minhas *Hermanas* Gabrielly e Hully, por serem uns anjos na minha vida e as melhores amigas que alguém poderia encontrar.

A esse amigo e ser humano incrível, Vinicius Cabral.

À minha professora e orientadora Alfredina Rosa, por ser uma mulher incrível e por se dedicar a este trabalho tão significativo para mim. Obrigado por me entender e se importar tanto comigo.

A primeira pessoa que me recebeu em Campina Grande, Rayssa Leonel, que se tornou parte integrante do meu coração.

Aos meus professores da graduação de Letras-Espanhol, por todo o conhecimento compartilhado.

Agradeço, em especial, a professora Roberta Portugal por todo carinho e acolhimento.

Agradeço, a professora Mabilia Nunes Toscano por me iniciar no mundo da pesquisa científica, como também por todo carinho e amizade.

A essas pessoas maravilhosas que são Arielly, Joelma e Skar, pela amizade e carinho.

Ao meu amigo Thiago, por caminhar comigo nessa jornada que é a vida.

A Nereide (Neide da barraca da CIAC), por ser uma mulher incrível e uma grande amiga.

Agradeço, a minha grande amiga Suellen Monte, por todo amor e confiança.

Agradeço a minha família Colombiana, por me oferecerem a melhor experiência que eu já vivi na minha vida.

Agradeço a Kori Valencia, por ser *la mejor*.

Às minhas colegas de turma que são Milena, Ionally, Olivia, Fernanda, Maciele, Amanda e Naiara que ficaram comigo nessa jornada acadêmica até o final.

Aos colegas da graduação de Letras-Espanhol e da UEPB pelos momentos de companheirismo e apoio.

A minha banca de defesa do TCC, Barbara Figueiredo e Antonio Carlos (Neto), pela disponibilidade e carinho.

Agradeço ao Centro Acadêmico de Letras por todo aprendizado.

Ao Levante Popular da Juventude (LPJ).

Agradeço imensamente a Universidade Estadual da Paraíba por se transformar na minha casa e me abraçar de maneira tão particular.

Agradeço a minha psicóloga, Janaína da UFCG, por todo o acompanhamento. E, aos outros dois profissionais que me atenderam, um sendo na UEPB e a outra da UFCG.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa da Residência Pedagógica que contribuiu para o meu crescimento profissional.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), por apoiar o meu projeto de pesquisa voluntária (PIVIC).

Agradeço, imensamente a todos vocês que contribuíram não somente para a minha formação acadêmica, como também para a formação da pessoa que eu sou hoje. Assim, como a escrita de um texto acadêmico, que sempre necessitamos está reescrevendo para que chegue a algo bom, assim, foram vocês na minha vida, ou seja, me reescreveram para eu ser quem eu sou hoje.

Por fim, afirmo que esta fase se termina para que outras possam surgir.

Meu muito OBRIGADO a todas e todos!

Amo cada um de vocês!

RESUMO

No presente trabalho, discutiremos sobre a construção da identidade sexual masculina a partir do protagonista do filme *Strapped* (2010). Deste modo, compreendemos que na sociedade ocidental estão enraizados os fatores determinantes das sexualidades, sobretudo da sexualidade masculina, que influenciam para uma identidade normativa, subalternizando as que não estão inseridas dentro dos padrões sociais. Assim, entendemos que os estudos da sexualidade masculina no Brasil estão encetando, conseqüentemente, precisando de produção científica para uma maior notoriedade sobre a temática. Diante disso, levantamos o seguinte questionamento: como a sociedade ocidental entende a sexualidade masculina correlacionada com as questões sociais que envolvem as sexualidades? Acreditamos que a promulgação da ideia machista, do pensamento patriarcal, como a subalternização das demais identidades sexuais influenciam para uma construção de uma identidade, muitas vezes, conservadora e opressora do sujeito. Sendo assim, assumimos como objetivo principal desta pesquisa, identificar na opacidade dos discursos a vivência da sexualidade do protagonista do filme *Strapped* (2010) em que se confronta com várias representações da sexualidade masculina envolvida na construção da identidade do sujeito. E, como objetivos específicos: (1) Discutir sobre as questões sociais que norteiam a vivência das sexualidades a partir das relações presentes no filme; (2) Entender a influência social da identidade sexual masculina como também os caminhos positivos e negativos dessa inferência. Fundamentamo-nos em Campos Jr. (2007); Amaral (2012), e outros pesquisadores para discutir sobre o mundo cinematográfico. Sobre a construção da identidade, nos baseamos em Woodward (2009); Silva (2009), etc. Acerca dos estudos de gênero e sexualidades utilizamos Louro (2009; 2010); Foucault (1988), entre outros estudiosos. Para refletirmos a respeito da construção da masculinidade, adotamos Falconnet e Lefaucheur (1977); Saffioti (1987), etc. E, comentaremos sobre a prostituição e os meios econômicos e sociais da profissão, para tal, usamos Feijó e Pereira (2014), Monteiro (1921), Diniz (2016). Portanto, observamos, a partir do nosso *corpus*, que o protagonista buscava desamarrar-se das normas sociais que influenciavam na construção da sua identidade sexual. Dessa forma, depreendemos que a ideia heteronormativa estigmatiza uma identidade, muitas vezes, conservadora e opressora.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Gênero e sexualidades. Identidade.

RESUMEN

En este presente trabajo, discutiremos sobre la construcción de la identidad sexual masculina a partir del protagonista de la película *Strapped* (2010). De este modo, comprendemos que en la sociedad occidental está enraizado los factores determinantes de las sexualidades, sobre todo de la sexualidad masculina, que influyen para una identidad normativa, en la medida que relega aquellas que no están dentro de los patrones sociales. Así, inferimos que los estudios de sexualidad masculina en Brasil están comenzando, consecuentemente, a precisar de producción científica para una mayor notoriedad en el tema. Por lo tanto, abrimos el siguiente cuestionamiento: ¿Cómo la sociedad occidental entiende la sexualidad masculina correlacionada con las cuestiones sociales que envuelven la sexualidad? Creemos que la propagación de las ideas machistas y el pensamiento patriarcal confina las demás identidades sexuales, lo cual influye en la construcción de una identidad, muchas veces, conservadora y opresora del sujeto. Por lo que, asumimos como objetivo principal de esta investigación, identificar en la sombra del discurso, la vivencia de la sexualidad del protagonista del filme *Strapped* (2010) en la que se confrontan con varias representaciones de la sexualidad masculina en la construcción de la identidad del sujeto. Y, como objetivo específico: (1) Discutir sobre las cuestiones sociales que están acerca de la vivencia de las sexualidades a partir de las relaciones presentes en la película; (2) Entender la influencia social de la identidad sexual masculina como también los caminos positivos y negativos de esta inferencia. Los argumentos se fundamentan en Campos Jr. (2007); Amaral (2012), y otros investigadores para discutir sobre el mundo cinematográfico. Para hablar de la construcción de la identidad, nos basamos en Woodward (2009); Silva (2009), etc. Los estudios de género y sexualidad fueron fundados en Louro (2009; 2010); Foucault (1988), entre otros estudiosos. Al abordar la construcción de la masculinidad, adoptamos Falconnet e Lefaucheur (1977); Saffioti (1987), etc. En el transcurso del documento se comentará sobre la prostitución y los medios económicos y sociales de la profesión, para lo que usamos a Feijó y Pereira (2014), Monteiro (1921), Diniz (2016). Por lo tanto, observamos a partir del *corpus* de análisis, que el protagonista buscaba desarmar de las normas sociales que influenciaban la construcción de su identidad sexual. De esta forma, entendemos que la idea heteronormativa estigmatiza una identidad que suele ser conservadora y opresora.

PALABRAS CLAVE: Masculinidad. Género y sexualidades. Identidad

LISTA DE EXEMPLOS

Exemplo 1: “Você é homem”	25
Exemplo 2: “Você não é politizado”	28
Exemplo 3: “Não me peça para ser o mesmo”	32
Exemplo 4: “Nunca dancei com outro homem”	39
Exemplo 5: “Estou cobrando agora”; “Agente do desejo”	49
Exemplo 6: “Um homem sempre precisa comer mais”	50
Exemplo 7: “E se eu não tocar a sua alma”	53
Exemplo 8: “Nunca ninguém me beijou assim antes”	54
Exemplo 9: “Elevo-me na corrente do meu amor”	55

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: “Azul é a cor mais quente”	18
Ilustração 2: “O segredo de BrokeBack Mountain”	18
Ilustração 3: “Capa do filme <i>Strapped</i> (2010)”	20
Ilustração 4: “Meus nomes/identidades”	23
Ilustração 5: “Você é homem!”	26
Ilustração 6: “Na minha família não tem viado”	45
Ilustração 7: “Anda como homem”	46
Ilustração 8: “O Grifo”	57
Ilustração 9: “Ele guarda um tesouro”	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Metodologia.....	13
2. O MUNDO CINEMATOGRAFICO: POLITIZADO, ARTÍSTICO E CULTURAL.....	15
2.1 O cinema e seus aspectos histórico-sociais.....	15
2.2 A visão cinematográfica como político, artístico e cultural.....	16
2.3 Conhecendo o filme <i>Strapped</i> (2010).....	19
3. IDENTIDADE E DIFERENÇA COMO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	21
3.1 Inclusão, exclusão e a construção das identidades.....	21
3.2 A normatização das identidades.....	24
3.3 A construção da inferioridade diante da subalternização das identidades.....	27
3.4 A identidade e os seus aspectos sociopolíticos.....	28
4. GÊNERO E SEXUALIDADES NA (RE)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO E NAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	31
4.1 O que entendemos enquanto Gênero?.....	31
4.2 O processo de (des)construção das sexualidades.....	33
5. O CONCEITO E OS CONFLITOS DA MASCULINIDADE.....	37
5.1 A masculinidade na constituição do ser Homem socialmente.....	37
5.2 Os conflitos e confrontos da hombridade.....	40
5.3 Os aspectos antigos e atuais do entendimento de masculinidade.....	42
5.4 O ser másculo nas relações sociais.....	44
6. A PROSTITUIÇÃO.....	48
6.1 A prostituição embasada em aspectos econômicos e sociais.....	48
6.2 O beijo na construção social e na prostituição.....	51
6.3 A liberdade.....	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, discutiremos sobre as questões envolvidas na construção da identidade sexual masculina. Desta maneira, investigando como se constitui o “ser homem” socialmente, bem como o confronto desse ser másculo com as demais identidades sexuais.

Desse modo, compreendemos que na sociedade ocidental estão enraizados os fatores determinantes das sexualidades, sobretudo a sexualidade masculina, a qual surge como uma forma de dominação entre as demais. Assim, desde a construção da sociedade patriarcal, a representação do ser masculino sempre esteve conectada na relação de poder como o ser superior, ou seja, aquele que não é másculo ou viril é inferiorizado.

A partir disso, entendemos que os estudos da sexualidade masculina no Brasil estão encetando, conseqüentemente, precisando de produção científica. Com isso, depreendemos a necessidade desse estudo para uma maior notoriedade da temática proposta no meio acadêmico nacional, portanto, auxiliando em futuras produções sobre a mesma.

Diante disso, levantamos o seguinte questionamento: como a sociedade ocidental entende a sexualidade masculina correlacionada com as questões sociais que envolvem as sexualidades? Acreditamos que as normas sociais influenciaram e influenciam na vivência da sexualidade do sujeito ao longo do tempo e que se perpetua até os dias atuais.

Sendo assim, a ideologia machista, a promulgação do pensamento patriarcal, bem como a ideia de subalternização do que é visto como “desviantes” da ideia heteronormativa interfere nas realidades que não seguem esses padrões. Assim, partimos do pressuposto que essas questões sociais influenciam em uma identidade, muitas vezes, conservadora e opressora da vivência sexual do sujeito.

Assumimos como objetivo principal dessa pesquisa, identificar na opacidade dos discursos a vivência da sexualidade do protagonista do filme *Strapped* (2010) em que se confronta com várias representações da sexualidade masculina envolvida na construção da identidade do sujeito. E, como objetivos específicos: (1) Discutir sobre as questões sociais que norteiam a vivência das sexualidades a partir das relações presentes no filme; (2) Entender a influência social da identidade sexual masculina como também os caminhos positivos e negativos dessa inferência.

Com isso, para trazer a reflexão sobre o mundo cinematográfico utilizamos Campos Jr. (2007); Amaral (2012), etc. Para discutir sobre a construção da identidade, nos basearemos em Woodward (2009); Silva (2009), entre outros. Sobre o que concerne às discussões acerca dos estudos de gênero e sexualidades utilizaremos Louro (2009; 2010); Foucault (1988) e

outros pesquisadores. Para refletirmos a construção da masculinidade, adotamos Falconnet e Lefaucheur (1977); Saffioti (1987), etc. Por fim, comentaremos a respeito da prostituição e os meios econômicos e sociais da profissão, para tal, usamos Feijó e Pereira (2014); Monteiro (1921), Diniz (2016).

Para a metodologia dessa pesquisa, utilizamos o filme *Strapped* (2010), na qual, materializamos o nosso *corpus* nos discursos presentes nessa produção cinematográfica. Assim, este trabalho tem um cunho qualitativo e essencialmente analítico. E, como base metodológica para as análises, optamos por fazer diluída dentro da fundamentação teórica. Neste sentido, criando um diálogo entre teoria e análise.

O nosso trabalho possui uma estrutura de 5 capítulos. No primeiro, abordamos sobre a influência do mundo cinematográfico a partir de um resgate historiográfico e de produções que influenciam o meio político, artístico e cultural. Já no segundo, tratamos sobre a construção da identidade como um processo de constituição do sujeito na sociedade.

No terceiro capítulo, comentamos sobre as questões de gênero e sexualidades, na (re)construção dos sujeitos como agentes sociais e parte constituinte de uma sociedade normativa, entendendo como funcionam esses conflitos no âmbito social. No quarto capítulo, discutimos sobre os conflitos e os confrontos da identidade sexual masculina, compreendendo seu processo de construção na sociedade. No último capítulo, tratamos sobre a prostituição e suas influências na sociedade, bem como o beijo nessa profissão.

Ao longo desta pesquisa tentaremos responder ao questionamento levantando sobre a identidade sexual masculina em confronto com as demais sexualidades. Considerando as análises, exemplificaremos a influência de uma sociedade conservadora para a construção de uma identidade normativa.

1.1 Metodologia

Utilizamos como *corpus* dessa pesquisa os discursos presentes no filme *Strapped* (2010), que este foi produzido e dirigido pelo cineasta estadunidense Joseph Graham. Com o *corpus* coletado iremos demonstrar a construção da identidade sexual masculina correlacionada com o âmbito social.

Esta produção cinematográfica teve seu lançamento oficial na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, no dia 24 de dezembro de 2010, e seu lançamento em DVD ocorreu na

França no ano de 2011. O filme tem como temática central um garoto de programa¹ que se relaciona com outros homens, assim, vivendo e se descobrindo por meio do sexo. Ademais, percebemos um conflito do protagonista a respeito de sua identidade sexual, sendo este o nosso foco, a identidade sexual masculina e os conflitos e confronto em torno desta.

Neste sentido, compreendemos que esta produção nos permite dialogar com todo o conhecimento que construiremos a respeito da identidade sexual masculina, bem como trazer uma representação de como são geradas as identidades e os conflitos sociais em que cada sujeito vive.

Deste modo, a pesquisa terá um cunho qualitativo e essencialmente analítico, já que o nosso *corpus* foi materializado por meio dos discursos dos sujeitos presentes nessa produção cinematográfica, que são o protagonista e os demais personagens que se relacionam com este. E, como base metodológica para as análises, optamos por fazer diluída dentro da fundamentação teórica. Neste sentido, criando um diálogo entre os estudiosos e o nosso *corpus*.

Assumimos como categoria de análise a visão da masculinidade, que nos permite confrontar com a historiografia da construção social do homem, como também a ideia de poder que a este foi atribuída ao longo dos séculos. Os estudos de gênero e sexualidades, nos permitem entender o que é gênero, bem como a construção social que temos do sexo e, a ideia heteronormativa que está presente na sociedade. E, por último, a construção da identidade social. Por meio desta, compreendemos como o sujeito se constitui e se representa no âmbito social.

Com isso, entendemos que os procedimentos adotados nos ajudam a compreender a construção da identidade sexual masculina. E, a partir da construção social da heteronormatividade, que é baseado em uma sociedade conservadora e opressora, corrobora para uma estruturação de uma identidade sexual normativa do sujeito.

¹ Ao longo do nosso trabalho usaremos essa palavra tal como é, e, nos diálogos presente no nosso *corpus* aparecerão às letras **GP**, que tem o mesmo significado.

2. O MUNDO CINEMATOGRAFICO: POLITIZADO, ARTÍSTICO E CULTURAL

O cinema surge em 1895 com a pretensão de retratar o cotidiano, as paisagens, em suma, uma realidade social e geográfica. Posteriormente, os cineastas de Hollywood em uma visão mais estadunidense a partir de David Llewelyn Wark Griffith², conhecido popularmente como D. W. Griffith, apropria-se, desse modo de captação de imagem, trazendo concepções inovadoras para o mundo do cinema. Dessa forma, surge o cinema industrializado, ao mesmo tempo em que foca na retratação dos fatores reais da sociedade, aborda visões de um novo mundo através das produções cinematográficas (CAMPOS JR., 2007).

Entendemos que o cinema no século XXI consegue alcançar um número maior de pessoas com o advento da internet, ou seja, amplia o espaço de circulação das produções. Estas, além de ter um pensamento artístico, adentram nos campos político, cultural e social de forma mais evidente.

Dessa forma, neste capítulo, iremos apresentar sobre a indústria cinematográfica a partir de aspectos históricos e sociais e, posteriormente, ampliaremos o debate, explorando essas produções em uma visão política, artística e cultural.

2.1 O cinema e seus aspectos histórico-sociais

De acordo com Amaral (2012), o cinema se tornou uma importante ferramenta para a reconstrução de uma memória, entendida por meio de acontecimentos passados (história) e, também, atuais. Assim, a memória se torna uma importante ferramenta para a compreensão da identidade como a formação desta, pois, o cinema em seu primeiro momento tentou resgatar os aspectos sociais e geográficos de um determinado povo, sejam estes, regional, nacional ou mundial.

A reconstituição do passado, ou melhor, a tentativa dele e a preservação da memória está presente em todo o percurso historiográfico, por mais diferentes que sejam seus usos e narrativas. Vemos que a memória esta diretamente relacionada com a identidade, na medida em que uma sociedade decide o que deseja preservar em prol de uma história coletiva, de uma cultura em comum com um grupo, ou seja, de algo que os una. Porém nem sempre essa memória é a considerada oficial, fazendo com que seja repreendida, ocultada e/ou esquecida. (*Ibidem, ibidem*, p. 2)

² D. W. Griffith foi um cineasta estadunidense, que a partir do seu olhar inovador para o cinema, conseguiu construir uma linguagem cinematográfica muito forte para a época. Este tinha um modo de perceber o cinema como uma criação que não necessitava retratar somente a realidade social, como também criar infinitas possibilidades de mundo mediante essas produções.

O cinema no século XXI, com o advento da internet, consegue alcançar mais pessoas do que quando se inicia lá em 1895, ocasião esta, em que era entendida como “arte”; e, como tal, limitada a uma determinada classe, sendo a de maior prestígio. Posteriormente, as produções conseguem alcançar os estudantes e a classe média. Atualmente, esta atinge a uma grande parte da sociedade em geral. Além disso, as produções cinematográficas começam a adentrar no campo acadêmico, assim sendo, usado como ferramenta de análise em um determinado contexto social, político e artístico.

Segundo Amaral (2012, p. 3), “o cinema passa ser visto como um poderoso meio de estudo cultural, pois apesar das inúmeras possibilidades que abre para os estudos culturais, também permite a análise social de grupos onde (sic) a documentação histórica escrita limita as pesquisas acadêmicas”.

Diante disso, compreendemos que essas produções possuem um grande valor quando se pensa na retratação, no resgate da memória e das identidades que, muitas vezes, a documentação histórica é limitada. Assim, entendemos que a história e a produção cinematográfica se complementam. Com isso, no tópico a seguir iremos discutir sobre o cinema e sua influência em campos políticos, artísticos e culturais.

2.2 A visão cinematográfica na perspectiva política, artística e cultural

O cinema enquanto uma representação cultural se torna uma ferramenta importante na sociedade, abordando questões que estão relacionadas com os meios artístico e cultural, como também social e político. Deste modo, compreendemos a importância do cinema, como um resgate da história e também para a formação imaginária, pois, este processo representa a constituição de processos culturais estabelecidos socialmente. Assim, segundo Martins, Imbrizi e Garcia (2017),

o cinema adquire papel relevante na investigação dos mais variados tipos de fenômenos. Ao lidar com concepções de realidade que permitem superar realismos ingênuos, o cinema abre espaço para a investigação de formações imaginárias responsáveis pela constituição de processos inscritos na cultura. O cinema se torna ao mesmo tempo leitor e tradutor de diferentes realidades, bem como construtor de novas realidades, superando a distinção rígida entre o processo de investigação e o processo de criação e problematização dos fenômenos culturais (p. 56).

De acordo com os pesquisadores, percebemos que as produções cinematográficas sempre estiveram conectadas a fatores sociais. Ao fazermos um resgate da história,

constatamos que o campo político sempre utilizou desse meio de produção para intentar alcançar o seu público, seja em período de campanha eleitoral, produzindo curtas (vídeos de pouca duração) e, também durante o período de exercício do governo como uma maneira de diálogo com a sociedade, a exemplo do nazismo. Todavia, entendemos que o cinema também é utilizado na contra arte disso.

Além disso, usufruem do cinema para explorar uma determinada realidade social e geográfica, como é o caso do filme *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, em que aborda os aspectos sociais das cidades do interior de Pernambuco. Deste modo, trazendo características fortes diante de uma dada realidade do povo nordestino.

Ao pensar na história do cinema brasileiro, percebemos uma grande falta de produção e incentivo para tal. Em uma análise feita pela estudiosa Virgens (2013), ao que confere as produções cinematográficas no período de 1995 a 2011 constatou-se que somente 16 filmes, tinha como temática central a homossexualidade. Essa análise foi baseada em dados de produções brasileiras.

Contudo, percebemos que além da escassez de produção referente a filmes com temáticas LGBTQI+³ muitas vezes, por questões políticas e culturais no nosso cenário nacional, filmes deixam de ser lançados e divulgados no Brasil. Para exemplificar, fizemos uma busca rápida na internet para evidenciarmos filmes que foram proibidos pelo seu conteúdo não normativo. Vejamos nas ilustrações a seguir:

³ A sigla significa: Lésbicas, gay, bissexuais, transexuais/travestis, queer, intersex, entre outros.

Ilustração 1: “Azul é a cor mais quente”



Divulgação

Vencedor do Palma de Ouro no Festival de Cannes 2013, o filme ainda causa polêmicas

Apesar de o filme ter sido um sucesso e vencido o Palma de Ouro no Festival de Cannes 2013, “Azul É a Cor Mais Quente” gerou muita polêmica por ter cenas explícitas de sexo entre duas mulheres e entrou na categoria de filmes banidos. Empresas brasileiras recusaram-se a produzir a versão Blue-ray do longa, alegando “conteúdo inadequado”. Contudo, ainda pode ser visto na plataforma Netflix.

Acesso em 30 de maio de 2019.

Disponível em: <https://igay.ig.com.br/2017-03-08/filmes-banidos-homossexual.html>

Ilustração 2: “O segredo de BrokeBack Mountain”



Divulgação

“O segredo de BrokeBack Mountain” foi censurado em vários países

O longa sofreu críticas e foi **censurado** por vários países, incluindo China e Emirados Árabes Unidos, por alegação de que as cenas sexuais entre dois homens. “O segredo de BrokeBack Mountain” conta a história de Jack e Ennis, que se conheceram quando foram trabalhar em um rancheiro.

Acesso em 30 de maio de 2019.

Disponível em: <https://igay.ig.com.br/2017-03-08/filmes-banidos-homossexual.html>

A partir das ilustrações, identificamos a censura de alguns filmes pelo seu conteúdo sexual. No caso de *Azul é a cor mais quente*, esta recebeu várias premiações, sendo uma destas a Palma de Ouro, que é considerado um dos maiores prêmios de prestígio

cinematográfico. E, o filme *O segredo de BlokeBack Mountain*, chegou a ganhar o Oscar de melhor roteiro adaptado. Logo, percebemos que são duas obras do cinema que possuem grande prestígio.

Com isso, compreendemos que esses percalços criados pela indústria cinematográfica brasileira, são justamente porque temos os ideais de um país conservador, em que a ideia social da heteronormatividade ainda prevalece. Deste modo, são perceptíveis que existem diversas produções cinematográficas, tanto em canais abertos e privados, que possuem conteúdos eróticos heterossexuais que estão sendo exibidos sem nenhum pudor, muitas vezes, em rede nacional, não existindo tanta censura com o conteúdo. Entretanto, o que fere é justamente o caráter desviante dessas produções hegemônicas.

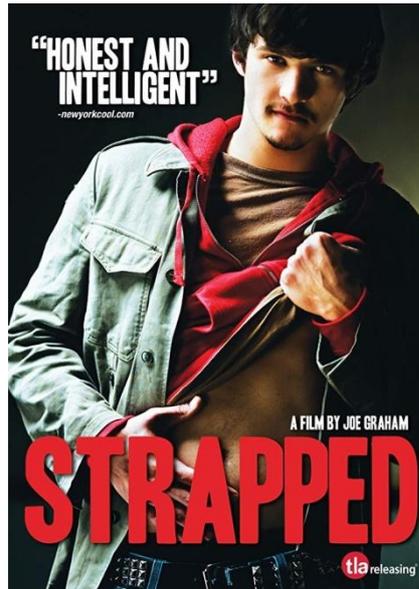
2.3 Conhecendo o filme *Strapped* (2010)

O filme *Strapped*, foi lançado nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, no ano de 2010, e teve como diretor e produtor o cineasta Joseph Graham. Nessa produção, encontramos um cenário principal que é um prédio e, a partir deste, nos confrontaremos com variados subcenários, formado pelos apartamentos, em que o protagonista interagirá com os demais personagens que residem nesse ambiente.

Identificaremos nessa produção cinematográfica, o conflito do personagem principal com a sua profissão de garoto de programa, como também sobre a sua vivência sexual enquanto homem, em que intenta desprender-se das amarras da sua sexualidade. Percebemos que em cada relação presente no filme, o personagem principal, se apresentará com um nome diferente para cada cliente. Na qual, enquanto leitores/expectadores, em um primeiro momento, ficamos confusos sobre sua verdadeira identidade.

Essa produção cinematográfica nos permite refletir sobre a identidade sexual masculina correlacionando com aspectos sociais da vivência desse protagonista. Na capa do filme, observamos as primeiras informações deste. Vejamos na ilustração (3):

Ilustração 3: “Capa do Filme *Strapped* (2010)”



Acesso em 20 de março de 2019.

Disponível em: [https://www.google.com/search?q=strapped+\(2010\)+cartaz+do+filme&client=firefox-b-d&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwin0fgq0MviAhUCILkGHS55AsEQ_AUIECgB&biw=1366&bih=642#imgrc=rSIM_ZrCymDwfM:](https://www.google.com/search?q=strapped+(2010)+cartaz+do+filme&client=firefox-b-d&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwin0fgq0MviAhUCILkGHS55AsEQ_AUIECgB&biw=1366&bih=642#imgrc=rSIM_ZrCymDwfM:)

A partir dessa ilustração (3), visualizamos a palavra em inglês *Strapped*, que em uma tradução livre significa *amarrado*, e ao longo do filme compreendemos que o personagem principal busca realmente desamarrar-se de determinadas normas sociais que o prende, ou seja, passando por um processo de (re)construção da sua identidade social enquanto um ser masculino.

Além disso, identificamos o comentário do site *New York Cool* que afirma *Honest and intelligent*, em tradução livre: *Honesto e inteligente*, assim, deixando para o leitor uma importante significação sobre o filme, transpondo que o conteúdo presente nos permitirá confrontar-se com a verdade, que neste caso seria a construção da identidade sexual masculina.

Não obstante, percebemos nessa produção a descoberta do protagonista numa perspectiva sexual, mas, também, em uma visão afetiva de sua sexualidade. Assim, é possível vivenciar por meio do filme um labirinto de experiências e conflitos que estão interligados a fatores sociais de constituição do sujeito. Deste modo, no capítulo a seguir iremos abordar as questões que envolvem os aspectos da formação identitária.

3. IDENTIDADE E DIFERENÇA COMO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Ao longo do tempo, o sujeito passa por diversas transformações na vida, e essas são o que entendemos enquanto identidade. No princípio a identidade é compreendida enquanto algo fixo, posteriormente, percebemos que é algo mais fluído.

Diante disso, iremos verificar, nesse capítulo, como se constitui a identidade do sujeito, este sendo o protagonista presente no nosso *corpus* analisado. Discutiremos no primeiro momento sobre os processos de inclusão, exclusão e a construção da identidade, que está relacionada em um pensamento binário de identidade e diferença; trataremos também sobre as identidades normativas, as quais refletem as relações de poder presentes na construção social dos sujeitos, conseqüentemente, abordaremos a inferioridade das identidades que acarreta as subalternizações e, por fim, exploraremos sobre a identidade emergida a partir de aspectos sociopolíticos, pois, entendemos que a identidade é muito mais que um ato isolado de reconhecimento subjetivo.

3.1 Inclusão, exclusão e a construção das identidades

O processo de constituição da identidade social acontece antes mesmo do nascimento do sujeito, assim, já demarcando os espaços de identidade X diferença. Quando uma mãe que está gestante vai fazer sua primeira ultrassonografia, o desejo de saber a respeito do sexo do bebê aflora, não só da mãe progenitora, mas, também de todo um ciclo de familiares, amigos, companheiro(a). E, é diante da descoberta do sexo que surge a primeira identidade social, pois, é a partir disso, que os progenitores entenderão como devem ser constituídas as roupas da criança, seu quarto, as cores que esta deve usar (rosa ou azul), as linhas de perfumes, os brinquedos etc.

A descoberta do sexo é o primeiro caminho para a demarcação da diferença, pois, em uma classificação binária entendemos que ao nascer homem não será mulher; sendo menina usará rosa, sendo menino usará azul; sendo homem brincará de carro, sendo mulher brincará de boneca e, é a partir de toda essa demarcação social que os sujeitos serão constituídos e construídos durante sua vida.

Logo, percebemos que a identidade está majoritariamente relacionada com fatores sociais, como também com uma série de princípios que a sociedade define e que devem ser transmitidos de geração em geração, desta forma, tornando-se um ciclo.

Segundo Woodward (2009), as representações sociais a partir de um sistema simbólico posiciona o ser culturalmente, assim, demarcando os espaços sociais e respondendo a questões subjetivas da formação identitária:

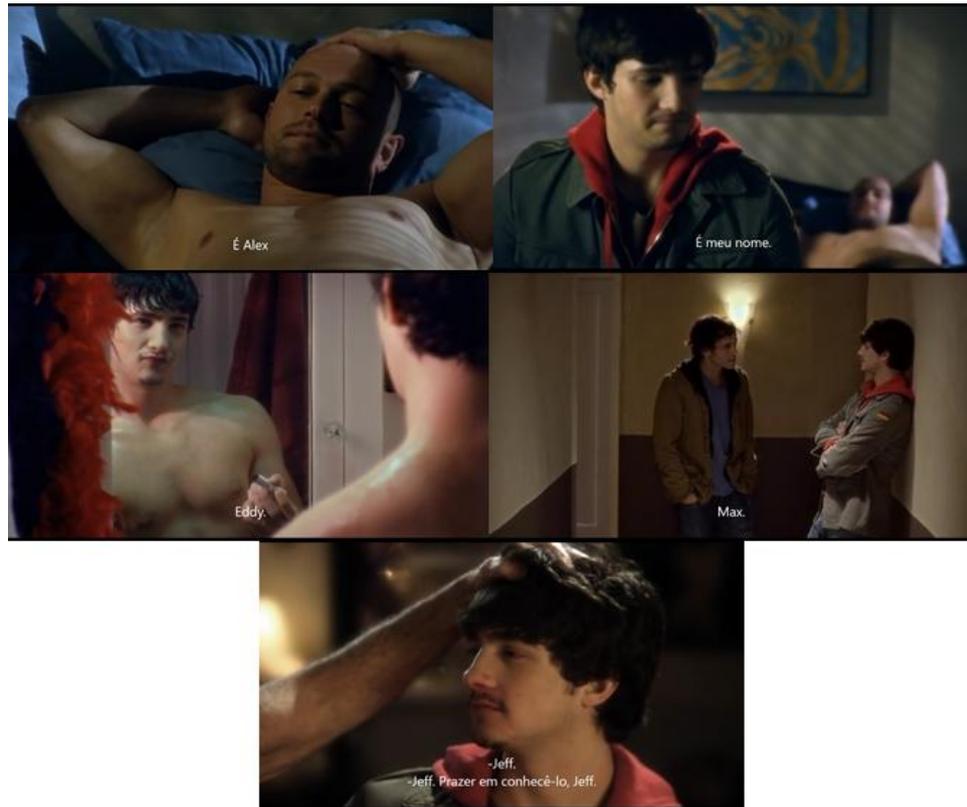
A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (p. 17).

Diante disso, compreendemos que esse sistema discursivo e sistemático são categorias formadoras de espaços sociais nos quais o sujeito irá se encontrar inserido, tanto de maneira individual como também em uma concepção coletiva.

Não obstante, temos como representação simbólica na sociedade o nome em que os sujeitos ao nascer recebem. Este, sendo um fator importante na constituição da identidade da pessoa, pois, é por meio do nome social que recebemos, na qual, seremos identificados. Assim, o nome é uma característica simbólica que é materializada no indivíduo.

No filme *Strapped* (2010), observamos que o personagem principal irá se identificar em vários momentos com nomes diferentes, ou seja, causando uma confusão inicial com relação a sua identidade. Isso nos permite afirmar que não se tem certeza de sua verdadeira identidade social.

Ilustração 4: “Meus nomes/identidades”



Fonte: *Strapped* (2010)

Diante disso, inferimos que a opção do personagem de não dizer o seu nome é possivelmente, uma tentativa de ocultar a sua identidade. Além do mais, para cada situação vivenciada, o personagem não só apresenta-se com diferentes nomes, mas, principalmente, com atitudes comportamentais distintas, construindo, uma identidade para cada situação. Ou seja, no primeiro momento, como Alex, tendo características mais intimista com o cliente, contará sobre sua vida, contudo, compreendemos que as confidências são utilizadas como ferramentas para se aproximar mais do cliente.

No segundo momento, agora como Eddy, ele atua como um stripper de boate com características de um gay afeminado; no terceiro, como Max, apresenta características mais masculinas, tendo um caráter mais viril/másculo, desse modo, mostrando toda uma identidade heterossexual; por fim, no último momento como Jeff, instiga-nos a pensar em um sujeito que está tentando descobrir sua verdadeira identidade, se colocando tal como um indivíduo que busca desprender-se das amarras da sua sexualidade.

Destarte, pensando a respeito da identidade a partir da perspectiva de inclusão e exclusão, compreendemos que no momento em que o garoto de programa é Alex, logo, ele não será Eddy, como também não será Max, nem muito menos Jeff, pois, a sua identidade no

momento dependerá do seu parceiro de relacionamento. Ou seja, quando surge o Max em contexto heterossexual, o garoto de programa não poderá trazer características de Eddy, existindo uma seletividade de identidades, conforme a identidade do outro.

Diante disso, temos um novo entendimento do sujeito, pois, compreendemos este como performativo. De acordo com Silva (2009), com base em Butler (1999), sobre o conceito de performatividade, afirmará que,

o conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é – uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação – para a idéia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação (SILVA, 2009, p. 92).

Ou seja, o conceito abordado por Butler estaria estritamente relacionado com a ideia de ‘torna-se’ e não de ser, diante disso, entendemos que sempre estamos nos transformando e nos inserindo em espaços identitários que movimentam esses aspectos do sujeito em se reconhecer. Com isso, depreendemos que a ideia de inclusão está associada com a ideia de exclusão, e a partir disso, construímos o nosso sujeito identitário socialmente, seja essa constituição diante de processos de inclusão, exclusão e/ou (re)construção.

No tópico a seguir, comentaremos a respeito das questões normatizadoras que existem na sociedade com base na identidade, assim, compreendendo sobre os padrões normativos de sujeitos que estão inseridos em vários contextos sociais, cooperando para o processo de exclusão e marginalização das identidades compreendidas como “desviantes” dessa norma.

3.2 A normatização das identidades

De acordo com Silva (2009), através da normalização ou normatização (partindo para uma forma mais atual da palavra), teremos a relação de poder. Como veremos no capítulo (5), a construção da masculinidade está relacionada com uma padronização do ser homem socialmente, assim, criando padrões das características que esse deve possuir. E, é a partir disso que enxergamos um caráter normativo social.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (*Ibidem, ibidem*, p. 83).

Outro exemplo que podemos mencionar é a relação entre homem e mulher, a qual durante milénios o homem disfruta de mais privilégios sociais, políticos e sexuais que essas, assim se fez necessário grandes momentos de lutas sociais para que as mulheres conseguissem parcialmente conquistar sua independência social, ainda que exista um longo percurso de luta.

Para ampliar ainda mais o debate de normatização das identidades, refletimos agora sobre as questões envolvidas na comunidade LGBTQI+, em que possuem características adversas com os padrões normativos da sociedade, sendo esses considerados desviantes, pois, os mesmos cruzam as fronteiras da normatização, resultando na marginalização desses sujeitos.

Com isso, percebemos que se existe uma subalternização da mulher referente ao homem, à comunidade LGBTQI+ também está inserido neste contexto, pois, o homem na cadeia de poder é o maior detentor deste. Segundo Saffioti (1987, p. 16), “O poder está concentrado em mãos masculinas há milênios. E os homens temem perder privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres”.

Acrescentamos ao que a autora afirma, que o medo da perda de privilégios masculinos não está, atualmente, referente somente às mulheres, mas, também à comunidade LGBTQI+, pois, a entende como uma ameaça aos preceitos heteronormativos. Assim, muitas vezes, o pensamento masculino não é para que existam direitos igualitários para todos, mas sim que seus privilégios sociais permaneçam e eles continuem a disfrutar destes.

No nosso *corpus*, visualizamos essa formação simbólica e discursiva da identidade masculina, quando o personagem Leon questiona, na cena, Eddy sobre a sua hombridade, como constatamos no exemplo (1) abaixo:

Exemplo 1: “Você é homem?”⁴

<p>Leon: “Calça-colada”, uma bebida para nosso convidado. Dá um copo para esse homem. Porque você é homem, não Eddy? Eddy (GP): Sim.</p>
--

Fonte: *Strapped*, 2010

As representações, como já comentamos anteriormente, são muito importantes para a construção identitária do sujeito. Diante disso, na imagem que veremos a seguir, percebemos

⁴ A transcrição dos diálogos ocorre *ipsis litteris*, conforme a legenda traduzida para língua portuguesa.

a representação do ser masculino enquanto um fator biológico a partir do falo (pênis), como veremos na ilustração (5):

Ilustração 5: “Você é homem!”



Fonte: *Strapped* (2010)

Para demonstrar que ele é homem, o garoto de programa segura sobre a calça o seu pênis e afirma que “sim”, fazendo uma relação ao pensamento biológico de que homens têm pênis e mulheres vaginas. Nesse momento, inferimos que a identidade masculina de Eddy estaria relacionada ao seu falo. Por outro lado, esta não é uma representação que temos somente no filme, este pensamento não está dissociado de como funciona a ideia social. Sendo esta, uma demonstração de como são entendidos homens e mulheres socialmente. Todavia, essa perspectiva é amplamente discutida nos estudos de gênero, tendo em vista, as pessoas transexuais que não estariam representadas.

Dessa forma, apreendemos que as identidades normativas constituem uma sociedade a partir de seus padrões que são passados de geração em geração. Por mais que exista o desejo de romper esses padrões sociais, a ideologia patriarcal, machista e sexista, sempre consegue difundir-se na sociedade hierarquizando os sujeitos, como também sectarizando e estabelecendo quem possui o poder nas relações sociais.

Diante disso, a (des)construção dessas identidades normativas é algo bastante discutido nos estudos de gênero, buscando uma sociedade que possa garantir a todos direitos iguais, mesmo que esses sujeitos não estejam dentro dos padrões sociais estabelecidos.

3.3 A construção da inferioridade diante da subalternidade das identidades

Entendemos que a construção da identidade, na maioria das vezes, estará associada aos fatores binários da vida, pobre X rico, homem X mulher etc. Com isso, quando pensamos na perspectiva homem e mulher, existe uma construção da relação de poder e que o homem razão por que, possui mais privilégios que a mulher, como já afirmamos anteriormente.

Assim, Saffioti (1987, p. 13) afirma que a construção da inferioridade da mulher também foi baseada na “falta” de força quando comparada a do homem. Contudo, quando partimos para outros fatores biológicos humanos, constatamos que a mulher tem uma expectativa de vida maior que a do homem, porém, esse argumento biológico que a estudiosa apresenta não é para tentar subverter os papéis, mas, para demonstrar que esse não é um forte argumento que justifique a superioridade masculina.

Também podemos pensar na relação rico X pobre, em que fatores econômicos podem influenciar a partir do meio de produção que temos atualmente, o capitalismo. A pessoa considerada com mais dinheiro que outra, socialmente é vista como superior a quem tem menos dinheiro, assim, também existindo o processo de inferioridade. Logo, a perspectiva binária de identidade cria-se como dito por Silva (2009) um processo de hierarquização e classificação social, dessa forma, atribuindo diferentes valores aos sujeitos relacionando com seu pertencimento a classe social.

De acordo com Silva (2009, p. 83), “as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa”. Com base no pesquisador, compreendemos que a oposição binária é um atributo de inferioridade em relação ao outro, como temos por muito tempo permeando na sociedade quando pensamos na construção de brancos e negros, como é possível constatar-se nas sociedades que alimentam o preconceito racial, como a nossa.

Segundo Silva (2009, p. 81), nenhuma identidade é inocente, ela é um ato consciente da sua construção e constituição do sujeito. Inferimos que quando o estudioso afirma que nenhuma identidade é inocente, é porque todo processo identitário estará correlacionada em uma perspectiva cultural, política e social. Com isso, em uma representação atual da homossexualidade, amar outro homem não é isoladamente um ato afetivo, é também um ato político-social.

3.4 A identidade e os seus aspectos sociopolíticos

Como já introduzimos no tópico anterior, Silva (2009, p. 81) afirma que, a identidade não é inocente, ela é um ato consciente. Se partirmos do pressuposto das violências que a comunidade LGBTQI+ sofre socialmente, sabemos que seria difícil uma identificação social como pertencente a esta. Contudo, a identidade social é tão importante para a formação do sujeito que se torna algo primordial na sua construção. Logo, compreendemos que assumir-se homossexual, por exemplo, não é isoladamente um ato subjetivo, mas também um ato sociopolítico de reconhecimento identitário.

Vejam os exemplos (2), a seguir:

Exemplo 2: “Você não é politizado”

Sam (Cliente 4): Se alguém perguntar “Quem é você?”
 Jeff (GP): Só sou um cara.
 Sam (Cliente 4): Só um cara. Como você mesmo se enxerga?
 Jeff (GP): Quer dizer, como homem? Quer dizer, como gay? Não sei. Eu acho, digo... Chupo paus.
 Sam (Cliente 4): Bom, é um bom começo.
 Jeff (GP): Sim, e não me envergonho disso.
 Sam (Cliente 4): Bom para você.
 Jeff (GP): Gosto de fazer sexo com outros caras. Eu gosto de envolvê-los, de foder.
 Sam (Cliente 4): Que tipo de caras?
 Jeff (GP): Qualquer tipo. Mas eu não... Não sou gay. Sabe, quero dizer, eu sou. Mas não vou às paradas gays. Não vivo em função do arco-íris. Não quero me casar. Não quero me casar.
 Sam (Cliente 4): Então você não é politizado.
 Jeff (GP): Sim.

Fonte: *Strapped* (2010)

Nesta ocasião, identificando-se como Jeff é questionado sobre sua identidade sexual, este não consegue explicar muito bem como se sente, pois, para ele se identificar enquanto uma pessoa gay estaria correlacionada a fatores de ir a paradas gays, a se fazer presente somente no ato de se apaixonar por outro homem. Contudo, ele parece não ter consciência que relacionar-se com outro homem já é por si só um ato político. Pois, o indivíduo passa a ser marginalizado em razão dos conceitos de normatividade. Dessa forma, por mais que em um determinado momento ele consiga se reconhecer enquanto gay quando diz, “quero dizer, eu sou” pelo fato de o mesmo fazer sexo com outros homens, entretanto, a identidade

homossexual não está somente atrelada ao relacionamento sexual com outros homens, mas também relacionamento afetivo.

Ao percebemos que a identidade não é um construto inocente, entendemos que somos agentes políticos e sociais. Com isso, segundo Silva (2009, p. 81), “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais”. Desta maneira, compreendemos que a afirmação da identidade segundo o estudioso, estaria relacionada ao desejo de um determinado grupo deter direitos que outrora lhes fora negado por sua condição de pertencimento social, logo, esses “bens sociais” seriam o direito de viver livre e de maneira respeitosa, mesmo que não corresponda aos padrões sociais.

Podemos pensar na questão de como era entendida a homossexualidade antigamente. Em um primeiro momento, era visto como uma doença que antes era conhecida como “homossexualismo”, em que esse sufixo “ismo” determinava essa característica patológica. E, somente em 1990 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade dessa categoria. Acrescentamos que isso aconteceu depois de diversos movimentos sociais que lutaram para que essa classificação fosse retirada, e que as pessoas pudessem se reconhecer, sem medo, com essa identidade sexual, na qual, se sentiam inseridos.

A partir disso, percebemos os fatores sociopolíticos presentes principalmente nos movimentos sociais, os quais, muitas vezes, buscam essa igualdade identitária para que todos possam usufruir dos mesmos direitos sociais. Não obstante, o casamento de pessoas LGBTQI+ foi outra vitória da classe, já que os mesmos não podiam usufruir do mesmo direito de pessoas heterossexuais. Logo, não podemos dissociar os fatores sociopolíticos da constituição da identidade do sujeito.

A representação do sujeito também está relacionada com esses fatores, pois, durante muito tempo a propagação das identidades vistas como desviantes das normas foi negada, diante de posicionamentos sociopolíticos como também religioso. Contudo, entendemos que essa figura representativa se torna importante para o reconhecimento do indivíduo.

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’” (SILVA, 2009, p. 91).

Diante dos padrões normativos sociais, muitas vezes, só era propagado um único modelo de identidade, entendida como a metáfora do poder, que era/é a do homem branco,

classe média/alta e heterossexual, e o outro lado era representado por um homem negro, pobre e que trabalhava para essa pessoa ou que vivia em condições inferiores a esse. Conseqüentemente, um único lado da história era propagado e, durante muito tempo essa era a concepção de representatividade que tínhamos socialmente.

Com o passar do tempo essas representações apresentadas não estavam mais sendo aceitas, pois, muitos não se sentiam representados e os meios midiáticos, as concepções sociopolíticas tiveram que mudar, assim, emergindo na sociedade representações que corroborassem com esse processo de identificação social.

Podemos pensar na primeira mulher eleita presidenta do Brasil, Dilma Vana Rousseff (janeiro de 2011 a agosto de 2016), que foi uma grande mudança social e para muitas mulheres um grande símbolo representativo, tendo em vista que desde que o Brasil conquistou sua independência só foi governado por homens.

Portanto, compreendemos que o simbolismo relacionado à representação é uma ferramenta importante para um reconhecimento identitário. Entretanto, os fatores sociopolíticos, impulsionam para que as normas sociais sejam sempre protegidas por ideias conservadoras que tentam por coibir uma vivência da identidade totalmente libertadora e não opressora.

4. GÊNERO E SEXUALIDADES NA (RE)CONSTRUÇÃO DO SUJEITO E NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Inferimos que pensar sobre o gênero é refletir sobre as relações sociais, sobre as práticas sociais, e como o sujeito interage e se constrói socialmente. Em contrapartida, há pesquisadores que entendem os estudos de gênero como uma construção acadêmica que acaba por tirar o foco do que é realmente relevante, a saber: a dominação masculina, a heteronormatividade, a violência contra a mulher, as relações de poder (LOUIS, 2006).

Não obstante, a sexualidade seria a expressão da vida sexual do indivíduo, de como cada pessoa vivencia essa experiência socialmente. Contudo, será que como vivemos a representação do nosso gênero é uma construção social? Será que como nos relacionamos sexualmente também é uma construção social?

Diante disso, neste capítulo, trataremos sobre o conceito de gênero e como podemos entendê-lo, assim, posteriormente, discutindo a (des)construção das sexualidades, e como socialmente podemos analisar essa vivência.

4.1 O que entendemos enquanto Gênero?

É um fato que as discussões sobre os estudos de gênero ganharam um grande espaço na academia como também socialmente, ainda que nesse segundo, muito do que se fala é de forma equivocada, chegando até a entenderem que esse estudo tem como ideia central a doutrinação.

Estudos mostram que o conceito de gênero inicia particularmente em 1960, pensando uma nova política cultural e de identidade. As classes sociais compreendidas como “minorias”, sendo essas compostas por gays, lésbicas, mulheres, negros, pobres, começam a demonstrar que as formas de representações e de identidades presentes no âmbito social, não os contemplavam e que novos conceitos necessitavam emergir (LOURO, 2008, p. 20).

De forma simplória, o gênero estaria relacionado à subjetividade do sujeito, ou seja, a expressão deste para além do sexo biológico. Além disso, temos a identidade de gênero que é como o sujeito se compreende e se representa socialmente. Ambos os conceitos se complementam.

Ainda que teóricas e intelectuais disputem quanto aos modos de compreender e atribuir sentido a esses processos, elas e eles costumam concordar que não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou como fêmea

que faz deste um sujeito masculino ou feminino. A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente (LOURO, 2008, p. 18).

Logo, o gênero e a sua identidade estariam relacionados a um processo de construção do sujeito, que perdura por toda a vida, pois, é um processo contínuo. Com isso, lembramos o que Butler (1999) diz no capítulo anterior (4), em seus estudos da performatividade, que o sujeito “torna-se”. O mesmo pensamento poderia estar ligado ao gênero, pois socialmente nos tornamos.

Esta ideia de “tornar-se” também está correlacionada com as ideias sociais propagadas, pois, também somos construídos do meio em que vivemos, ainda que não sejamos completamente. Nossas vivências e experiências sociais nos formam e moldam. Desse modo, chegamos a uma possível resposta para a primeira pergunta que norteia este capítulo: será que como vivemos a representação do nosso gênero é uma construção social?

Não obstante, Louro (2010, p. 23) afirma que “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”. Assim, percebemos que os estudos de gênero transpassam as fronteiras do sujeito, indo além da aparência deste, mas em todas as experiências que o constituí.

Nesse sentido, as ideias atreladas as concepções de gênero, estariam no reconhecimento transcendente de pertencimento a uma identidade, assim, caracterizando as representações dos gêneros no sujeito de diversas maneiras. “O sujeito é brasileiro, negro, homem, (sic) etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros” (LOURO, 2010, p. 25).

No nosso *corpus*, identificamos no personagem principal indagações que demonstram essa característica transitante do seu gênero, vejamos no exemplo (3) a seguir:

Exemplo 3: “Não me peça para ser o mesmo”

<p>Eddy (GP): Não me perguntou quem eu era, então não me peça para ser o mesmo. Leon: Ei, “pega pau”! De que filme é? Dirky (Cliente 2): Não é de um filme. É Foucault.</p>

Fonte: *Strapped*, 2010

Percebemos nesse enunciado de Foucault, que Eddy apresenta essa característica fluída do seu gênero, demonstrando que passa(ou) por diversas transformações de sua identidade ao longo da vida, resultando em uma (re)construção do seu Eu. Foucault (*História da Sexualidade 3: o cuidado de si*) aborda essas questões do sujeito de maneira mais ampliada, discutindo sobre o sujeito e suas transformações sem deixar de refletir sobre a relação de poder e sobre as condições e possibilidades dessas transformações.

Ademais, é evidente que não podemos dissociar gênero e sexualidade, pois, estes estão inter-relacionados. Dessa forma, no tópico a seguir, trataremos sobre a (des)construção das sexualidades, assim, analisando, historicamente, como surgiu o estudo das sexualidades e o que configurou e configura essa história na sociedade.

4.2 O processo de (des)construção das sexualidades

Falar sobre sexo na sociedade sempre foi um tabu. A sexualidade culturalmente esteve/está centrada em uma ideia negativa de sua vivência. A relação sexual entre os sujeitos só poderia/pode existir entre quatro paredes, ou seja, na intimidade.

Foucault (1988) afirma que o sexo na sociedade viveu um processo de repressão, fato este que ainda existe atualmente, sendo promovido por instâncias sociais como a Igreja e o Estado. Essa repressão de como se vivia a sexualidade, é assim apresentada pelo pesquisador: “a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (p. 10).

A “condenação ao desaparecimento” e a “injunção do silêncio”, como o estudioso fala, diz muito de como se compreendia a sexualidade nos séculos XVI e XVII. O sexo, assim como a sodomia, era o grande pecado da carne, conseqüentemente, as pessoas que se utilizavam do sexo de forma não conjugal, sofriam grandes conseqüências, seja diante de um pensamento civil (por parte do Estado) ou cristão (por parte do cristianismo, com a chamada Inquisição).

Para Foucault (1988), o conceito de sexualidade seria o confronto com a verdade sobre o sexo, em que o sujeito é o centro dessa vivência e experiência. Dessa forma, os estudos da sexualidade seria uma reelaboração dos discursos que ao longo do tempo criaram um campo negativo ao redor dessa temática.

A “sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*. As características fundamentais dessa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou um desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade (p. 67).

Prontamente, os estudos da sexualidade e de gênero procuram produzir novos significados que estão atrelados a discursos verdadeiros sobre a vivência do sexo, sendo estes constituintes do sujeito. Não obstante, essas novas reconfigurações de entendimentos e discussões promovem na sociedade grandes conflitos, como também a liberdade sexual dos indivíduos, lhes foi castrada, durante muito tempo.

Sobre a *scientia sexualis* Foucault (1988 *apud* TILIO, 2014, p. 137) explica que esta “enfaticava as ligações entre sexo biológico e identidade de gênero, cujos desvios conduziram às doenças físicas e mentais – daí a necessidade de controlar e vigiar a libertinagem e a violência (incluindo a sexual) entre homens e mulheres”. Nesse sentido, compreendemos que a ordem no campo da *scientia sexualis* seria para “controlar e vigiar”, entendendo transtornos tanto mentais e sexuais que estariam interligados.

Assim, a sexualidade, em um pensamento mais contemporâneo, seria a libertação, o confronto com a verdade, pois, os discursos promovidos socialmente, durante muito tempo, não estariam a favor dessa vivência espontânea, que deveria ser o sexo. Hoje, compreendemos um campo mais amplo e fluído, percebendo novas identidades, gerando as sexualidades, não mais sexualidade (no singular). Criando, nesse momento, novos horizontes, constatando que o sujeito pode se construir de diferentes maneiras.

Louro (2010, p. 26), com base em Foucault (1988), afirma que a sexualidade é um construto a partir de diversos discursos sociais que instauram as “verdades absolutas” na sociedade, assim, padronizando o sexo e a maneira de vivê-lo. Com isso, a maneira que nos relacionamos sexualmente, está correlacionada com as experiências e construções sociais, contudo, somente isso não determina a identidade sexual do ser, pois, esse pode reagir de maneiras diferentes as imposições sociais e aos conflitos que estão envolvidos nesse processo de construção.

Dessa forma, compreendemos que o sujeito pode viver os seus “desejos e prazeres” de diferentes maneiras, ainda que exista uma norma social da vivência da sexualidade (LOURO, 2010, p. 26). Diante disso, respondemos ao nosso segundo questionamento que aparece nesse capítulo, a saber: Será que como nos relacionamos sexualmente também é uma construção social?

Foucault (1988) também explora nos seus estudos as questões relacionadas a homossexualidade, que para a época implicava em uma transgressão social:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada [...] menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (p. 43-44).

Diante de um entendimento social, que configura em questões políticas e religiosas, a identidade homossexual não era aceita socialmente, seria um desvio das práticas normativas das relações tanto afetivas como sexuais. Assim, os sujeitos que assumiam a sua identidade tornavam-se a escória da sociedade, não sendo aceitos e, além disso, violentados e perseguidos.

Pensar sobre sexualidade, é refletir sobre como se configura o modelo social desta. O padrão que a sociedade sempre promoveu foi o da heterossexualidade, propagando um pensamento heteronormativo. A heteronormatividade é um pensamento social que dissemina uma ideia de como o indivíduo deveria viver a sua sexualidade, assim, criando normas, que são geradas culturalmente e refletem de um modo “natural”.

A maneira como se pensa a sexualidade socialmente, intervém na vivência de pessoas que fogem da norma, produzindo à violência contra sujeitos que não se sentem representados pelo “modelo” social. Motivo este que faz do Brasil um dos países com maiores índices de violência, com requintes de crueldade, contra pessoas LGBTQI+, apresentando estatísticas que espelham o pensamento social, não só do Brasil, como também da nossa sociedade ocidental.

Nesse sentido, pensemos sobre o caso de pessoas transexuais, que a sua identidade de gênero cruza a linha do que se entende na sociedade enquanto “normal”. Uma pessoa transexual é aquela que não se identifica com o sexo de nascimento, assim, reconstruindo a sua identidade.

Quando partirmos para os dados de violência que as pessoas que se reconhecem com essa identidade sexual e de gênero, identificamos que a expectativa de vida para os/as transexuais é de 35 anos, os dados de 2018, disponibilizados no site da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil. Além disso, o Brasil é considerado um dos países que tem os maiores índices de agressões para com estas pessoas.

Segundo o Ministério dos Direitos Humanos (MDH, 2018)⁵, em seu texto sobre *Violência LGBTfóbicas no Brasil: dados da violência*, reflete a respeito da violência que pessoas pertencentes a comunidade LGBTQI+ sofrem. Não iremos abordar os gráficos apresentados no texto acima mencionado, pois, nosso objetivo é pensar sobre as identidades normativas promulgadas socialmente que geram a violência. E, o MDH (2018) afirma que,

não estar em conformidade com a heteronormatividade é estar sujeito a sofrer diversas violações de direitos. A sociedade Brasileira está ancorada por princípios de heteronormatividade, cishnormatividade, e os binários de sexo e gênero. Aliado ao fracasso do Estado em adotar medidas efetivas para investigar e punir efetivamente os crimes de natureza LGBTfóbica (p. 74).

Logo, compreendemos que tanto o fracasso do Estado de não promover políticas inclusivas como também a disseminação dessas ideias heteronormativas, faz com que a comunidade LGBTQI+ sofra com as mais diversas formas de torturas e crueldades.

Outro signo que surge nos estudos das sexualidades é a *cishnormatividade*, que é citado no texto do Ministério dos Direitos Humanos. Uma pessoa cisgênera/o, é aquela que se identifica com o sexo do seu nascimento. Diante disso, a compreensão que se tem da cishnormatividade está atrelada à ideia de que todo sujeito deve identificar-se com o sexo o qual lhe foi atribuído no seu nascimento.

E sobre a sociedade brasileira, o MDH dirá que esta

ainda é extremamente sexista, machista e misógina. A maioria dos agressores são do sexo masculino, o que atesta o quanto a masculinidade construída socialmente sente-se ameaçada por outras vivências da sexualidade, chegando ao limite extremo da violência física. (*Ibidem*, 2018, p. 75)

Com isso, entendemos que a maneira como foi construída a masculinidade socialmente, diz muito sobre a sociedade que temos, sendo os maiores violentadores as pessoas do sexo masculino, que compreende a vivência sexual do Outro de maneira ameaçadora, por este sujeito vivê-la de maneira diferente do modelo normativo.

Não obstante, percebemos que esse não é só um problema que se faz presente na sociedade brasileira, mas na sociedade ocidental como um todo. Diante disso, no capítulo a seguir trataremos sobre o conceito e os conflitos presentes na masculinidade.

⁵ Extinto no atual governo (Jair Messias Bolsonaro, 2019), tornando-se o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

5. O CONCEITO E OS CONFLITOS DA MASCULINIDADE

A sociedade ocidental sempre sofreu com os conflitos sociais em torno do gênero e das sexualidades, principalmente se tratando da sexualidade masculina que na cadeia de poder sempre foi entendida como “aquele que pode tudo”, assim, mantendo essa forma patriarcal de pensar até os dias atuais.

O conceito de masculinidade estava atrelado aos fatores da virilidade, em que esta sempre foi entendida como inerente a todo homem, assim, acreditando que até os produtos de beleza deveriam corresponder com esses fatores sociais. Contudo, estavam também correlacionando ao modo de produção capitalista, inserindo o homem numa construção social da sua identidade conectado a esse meio de produção, em que a discussão sobre as masculinidades e suas concepções sociais do ser homem começam a ser discutidas em meados do século XVIII e XIX e permanecem em nossa sociedade em pleno século XXI.

Ademais, percebemos que a popularização e a normatização da relação de poder entre homens e mulheres, e, posteriormente, entre homens, mulheres e demais identidades de gêneros acarretam a subalternização do que não é másculo, desencadeando uma marginalização do que é entendido enquanto diferente e/ou desviante desse caráter viril e falocêntrico.

Diante disso, neste capítulo, abordaremos as questões que envolvem os conceitos e conflitos da masculinidade e, conseqüentemente, a causa e o efeito percebido na sociedade ocidental, compreendendo a historicidade dessa construção social do ser homem, chegando aos aspectos sociais na relação com o ser másculo.

5.1 A masculinidade na constituição do ser Homem socialmente

A ideia social sobre a masculinidade sempre esteve inserida dentro de um contexto da relação de poder, o homem durante milênios é o que detêm o poder e, a partir disso constrói sua relação com o meio social. Em um primeiro momento, a ideia de masculinidade está ligada a não ser mulher, a se encaixar dentro de uma performatividade social completamente máscula e viril, ou seja, partindo por aspectos biológicos e de um comportamento social (normativo) da constituição dos sujeitos.

“Ser um homem” é antes de tudo não se comportar como uma mulher, não ser uma moça, uma cocota, uma mulherzinha - alguém que “não tenha saco”. É possuir qualidades opostas às das mulheres, ser o que elas não são e não ser o que elas são. Para ser um homem, um verdadeiro, é preciso continuamente velar para não ser tomado por uma mulher, confundido com as mulheres (FALCONNET E LEFAUCHEUR, 1977, p. 26).

Ou seja, percebemos que socialmente mulheres e homens são colocados em dois opostos, denominado de binarismo e também papéis de gênero em que socialmente são atribuídos espaços (privado e público), cores (azul e rosa), brinquedos (bola e boneca), a um determinado gênero, sempre numa dinâmica binária, masculino e feminino, macho e fêmea, como se sempre tivéssemos dois polos de concentrações sociais, gerando o sexismo que está atrelado a essa ideia.

Além disso, percebemos que essa competitividade atribuída ao ser homem também estará presente na relação homem X homem, em que um sempre precisa se sobressair sobre o outro, pois, existe a ideia social que sempre o mais forte terá que vencer, partindo de um pensamento determinado biologicamente sobre esses.

Deste modo, Falconnet e Lefaucheur (1977, p. 47) afirmam que não basta ser homem, é necessário existir o enfrentamento com o seu semelhante, assim, chegando a uma disputa de Macho X Macho, que nesse mundo masculino está inserido dentro de um pensamento da “guerra, das armas, a competição social e da luta pelo poder”. E, acrescentamos que o contato com outro homem deve ser somente para esses fins, como veremos a seguir, no exemplo 6.

No primeiro momento do filme já identificamos em John (Cliente 1) essa percepção dos princípios da masculinidade, principalmente quando o mesmo nunca havia dançado com outro homem, como também a rejeição do seu primeiro amor, por se tratar de uma relação entre dois homens, que para a época isso era inadmissível. Vejamos no exemplo (4) a seguir:

Exemplo 4: “Nunca dancei com outro homem”

John (Cliente 1): Nunca dancei com outro homem antes
 Alex (GP): Já esteve com outro cara antes?
 John (Cliente 1): Sim. Uma vez. Quando era adolescente. Meu Deus, foi...
 Alex (GP): O que?
 John (Cliente 1): Fizemos sexo no porão da casa dele. Era meu amigo, Alexander. Na verdade, era o meu melhor amigo. Tínhamos... 15? ... 16? Achei que estava apaixonado por ele. Quando falei para ele... Olhando nos seus olhos... eu te amo...
 Alex (GP): O que aconteceu?
 John (Cliente 1): Ele me mandou à merda. Lembro que se afastou correndo, me chamando de pederasta, pederasta. Gay de merda, gay de merda, gay de merda. Depois disso nunca voltei a vê-lo. Ele se mudou.

Fonte: Strapped, 2010

Assim, são compreendidos os padrões masculinos de socialização e de relação afetiva. Um “homem de verdade” só poderia ter relação com mulheres, pois, é isso que comprovava a sua identidade masculina, viril, dominante, e acima de tudo, de poder. Falconnet e Lefaucheur (1977, p. 73) afirmam que, “a ideologia masculina articula-se em torno de três ‘valores’ que a têm feito faiscar aos olhos dos homens: VIGOR, POSSE, PODER. No vigor está compreendido permitir e justificar o poder, e este, por sua vez, assegurar a posse.”

De acordo com os estudiosos, as ideias sociais sobre as questões que envolvem a separação do gênero, como também a questão do homem possuir mais privilégios sociais e sexuais que as mulheres, causam nas pessoas um sentimento de inferioridade, a exemplo das pessoas do sexo feminino, como também os sujeitos que fazem parte da comunidade LGBTQI+ e sofrem muitas repressões tanto sexuais como sociais, pois, os padrões de masculinidade e heteronormatividade. Tais sujeitos tornam-se subalternas às demais categorias de gênero e orientações sexuais.

A crença nos ‘eternos’ papéis masculinos e feminino apenas mascara o medo de abandonar aqueles para os quais os indivíduos foram condicionados, e fora dos quais imaginam ser impossível satisfazer-se. Cada um sente-se pessoalmente obrigado a ser um homem ou mulher ‘de verdade’ diante da humanidade inteira. Uma vez que esquecida a repressão sexual necessária para impor, essa conformidade torna-se pois a condição da felicidade: desse modo, aqueles que não puderam ou não quiseram aceitá-la, os homossexuais, os bissexuais, os ‘indefinidos’, são vistos como condenados à desgraça *pela natureza* (FALCONNET E LEFAUCHEUR, 1977, p. 80, Grifos do autor).

Diante dessa realidade, entendemos que esse padrão que normatiza e que ultrapassa gerações, acaba provocando guerras sociais desnecessárias, pois, em um mundo, ainda que

idealizado, nesse momento, dever-se-ia preservar a liberdade individual de cada pessoa, assim, fazendo com que os índices de violência contra a mulher, contra a comunidade LGBTQI+ caíssem bruscamente, já que essa normatização das relações afetivas e sexuais faz com que pessoas pertencentes a outras identidades sofram vários tipos de violência, assim, como também promulga ainda mais a ideia de subalternidade das identidades de gênero categorizadas como inferior.

5.2 Os conflitos e confrontos da hombridade

Segundo Bourdieu (2012), estamos inseridos em construções sociais da ideia de masculinidade e somos educados para que alcancemos esses papéis sociais quando adultos, assim, tornando-se um homem e mulher de “verdade”. Seguir um caminho que se opõe ao proposto não é uma tarefa fácil, pois a relação dominação X subalternização estão concretizadas nas instâncias sociais como: Família, Escola, Igreja. Com isso, essas instâncias nos moldam a partir desse pensamento normativo social.

Não obstante, entendemos que o homem também é fruto dessa dominação, que surge a partir de uma visão capitalista, interligando o conceito de dominação com os fatores sociais, assim, Bourdieu afirma que,

como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por aprender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação (*Ibidem*, 2012, p.15).

Apesar de Bourdieu (2012), ao longo da obra, *A Dominação Masculina*, trazer uma visão estruturalista dessa perspectiva de dominação, em contra partida a Saffioti (1987, p. 16) aborda que as questões relacionadas à dominação estão conectadas as classes sociais, ao pensamento racial e étnico. Nesta visão, o patriarcado não institui um único pensamento de estruturação da sociedade.

De modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última coloca na “ordem das bicadas”⁶ é uma

⁶ A “ordem das bicadas” para o norueguês Thorlief Schjelderup-Ebbe seria a pirâmide de poder que as galinhas tinham dentro do galinheiro, assim, hierarquizando quem comia primeiro, quem comia segundo e

mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

Isto é, o poder social de dominação possui suas categorizações, e se faz necessário que entendamos isso para uma maior visão sobre uma consciência de classe. Podemos afirmar que um homem pobre, negro e da periferia, por mais que possua o poder referente à sua masculinidade, não terá o mesmo tratamento social que um homem da classe média/alta e branco.

De acordo com Falconnet e Lefaucheur (1977, p. 47), existe uma visão do êxito do poder social masculino, que se atrela com o poder econômico, contudo, não somente a esse ponto de vista, mas também de uma disputa social. Assim, esse poder referido ao homem é relacionado similarmente aos meios de produção capitalista, pois, para cada tipo de homem existirá uma linha de produtos específica, como se o grau da sua masculinidade fosse medido por esses produtos.

Todas publicidades de produtos de toucador dirigidas aos homens dizem: é necessário ser um homem em toda linha, cercar-se de um odor viril se bem que estranho, viril e refinado, decididamente viril, usar produtos indiscutivelmente, resolutamente masculinos, o mais másculo dos produtos másculos, em doses de homem... permanecendo discreto (p. 25-26).

Dessa forma, compreendemos que além de másculo, o homem tem que estar inserido dentro de uma classe social, que consiga lidar com o pensamento de produção capitalista da masculinidade. Com isso, entendendo que o poder não está isoladamente ligado ao social, mas, também ao econômico.

Segundo Falconnet e Lefaucheur (1977, p. 48), “o êxito e o poder refletem-se em todos os ‘homens’, de verdade, devem ser capazes de manter a família, e dar-lhe a melhor situação possível. Devem ser seus próprios senhores e, melhor ainda, mandar em outros homens. Devem triunfar e dominar”.

Nesse momento, percebemos os aspectos sociais em que o homem estar inserido. Ou seja, não basta ter somente poderes econômicos e sociais, é necessário está dentro de uma pirâmide de poder que está conectada com o entendimento de o homem proporcionar um sustento familiar adequado para os seus entes, e entender que é preciso sempre estar acima nas relações de poder seja frente a uma mulher, mas, também em relação a outros homens, pois, a ideia social que se prega é sempre de “triunfar e dominar”, como asseguram os

quem comia as sobras por último. Quando não cumprido essa ordem às galinhas começavam uma guerra entre elas.

estudiosos. Deste modo, essa ideia de triunfo e dominação está presente num pensamento de competição social, sendo esse um ponto de vista muito representado na sociedade capitalista.

Com isso, essa visão é compreendida como natural, e o lema passa a ser: “Domine, não se deixe dominar. Essa é a lei da natureza. A lei dos machos. E ai dos vencidos.” (FALCONNET E LEFAUCHEUR, 1977, p. 48). Tal discurso advém de um determinismo biológico, geográfico e social proposto desde quando se era pensado nos conceitos da formação do ser, entendendo como uma seletividade natural, ou seja, que “vença o melhor”.

Todavia, percebemos que as oportunidades sociais, e o meio no qual estamos inseridos pode ser uma barreira para alcançar uma ascensão social ou, até mesmo, em um pensamento capitalista da construção da hombridade, alcançar o mais alto patamar da masculinidade a partir dessas ideias e de uma categorização social baixa.

5.3 Os aspectos antigos e atuais do entendimento de masculinidades

Ao longo do tempo se pensou em um único modelo de masculinidade, interligado aos padrões do homem burguês, branco e heterossexual. Posteriormente, na medida que os estudos sobre a masculinidade foi tomando força na sociedade ocidental, começou-se a perceber outros aspectos relacionados ao comportamento masculino. Assim, a compreensão passou a ser das ideias de masculinidades e não mais simplesmente masculinidade (no singular).

A perspectiva plural perpassa a ideia de algo fixo e atemporal. Contudo, alguns pesquisadores, como Viana Junior (2017) e Sergio Gomes da Silva⁷, compreendem esse período do Século XX, que se amplia o conceito de masculinidade, como uma crise na mesma, ou seja, surge uma crise na masculinidade, interligada com um novo pensamento do sujeito masculino.

Diante disso, Viana Junior (2017) tece uma crítica a esse pensamento de uma crise na masculinidade, pois, o mesmo não acredita que houve essa tal crise e sim, que se começou a compreender a existência de novas masculinidades. Em outras palavras, enxergando, nesse momento, outros homens que não estavam inseridos nos ideais da burguesia.

A crise de masculinidade do século XX não produziu apenas desconfortos, anseios e mal estar. Ela suscitou respostas, a tais questões. Isto está claro. E, ao mesmo tempo

⁷ Sergio Gomes da Silva escreveu um artigo intitulado: A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de Gênero e à Literatura masculinista.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011

em que instigou interpretações, foi também constituída por elas. Os exercícios de compreensão e a construção de explicações a-históricas sobre os homens no mundo ocidental tiveram desenvoltura e impactos consideráveis em outras áreas do conhecimento. Paradoxalmente, na historiografia, principalmente a brasileira, se fez sentir de forma tímida, diminuta e concentrada em recortes específicos (p. 94).

Ou seja, a partir desse novo entendimento das masculinidades, principalmente no âmbito da sociedade brasileira, percebeu-se uma pluralidade significativa. Passando-se a compreender que as ideias, anteriormente pensadas, não se aplicariam, e que essa nova concepção – masculinidades – seria mais coerente. Como o próprio estudioso assegura essa já era uma ideia que se iniciava dentro da sociedade ocidental uma vez que essas discussões sobre a sexualidade masculina ocorrem fortemente no Ocidente, na década de 70.

Ainda pensando no processo de crise da masculinidade no século XX, a qual entendemos como uma reconstrução da identidade masculina. A compreensão que existia era que o homem estava perdido nessa sua identidade, pois, antes existia a subordinação da mulher perante estes, e com o avanço das lutas feministas a mulher torna-se mais independente e autônoma, assim, configurando em um novo processo de subjetivação na sociedade (VIANA JUNIOR, 2017, p. 95).

Para compreendermos melhor o pesquisador, afirma dois grandes momentos que configuram a masculinidade na sociedade ocidental, a saber:

Podemos afirmar que entre os estudiosos de masculinidades analisados neste texto houve o entendimento de que a história dos homens no Ocidente esteve dividida em dois grandes momentos. O primeiro, já apontando, seria aquele marcado pelas expressões culturais das sociedades antigas e tribais com ênfase nas estruturas de poder, nos processos ritualísticos e nos mitos, expressos como “forças coletivas” e que atuavam na construção de identidades abrangentes. Em contraposição, o segundo período seria marcado pela ascensão do individualismo com o constante enfraquecimento das instituições sociais que tinham como função interpelar o sujeito e conferir sentido à sua vida. Em suma, operar-se-ia um movimento ascendente, mas desgastante, que migraria das identidades hegemônicas à fragmentação das identidades (VIANA JUNIOR, 2017, p. 97).

Assim, entendemos que a partir do segundo momento começa-se a pensar na construção da identidade masculina fragmentada, ou seja, que cada sujeito (homem) possui sua identidade diante da sua relação com o meio social.

Diante disso, acreditamos que mesmo que o homem na construção da sua identidade encare esse processo na perspectiva individual, ele ainda será construído do meio em que vive. Em outras palavras, mesmo que um homem consiga ter ideias progressistas referentes a um determinado fator social, a ideia patriarcal, machista, ainda poderá apresentar-se em sua constituição identitária, ainda que este não faça parte de contextos que alimentam tal ideia.

Logo, mesmo que tenhamos uma separação das ideias institucionalizadas, as mesmas vagam na sociedade e, em algum dado momento histórico, social e/ou político, ressurgem.

Ademais sobre a crise da masculinidade, é possível que compreendamos que o homem é tão conhecedor dos seus privilégios sociais e do poder do qual é detentor que, certamente, existe o medo de perdê-lo e se encontrar numa situação subversiva. De acordo com Falconnet e Lefaucheur (1977, p. 12), os homens sentem-se temerosos: “medo de perder sua superioridade, medo de ver os papéis se inverterm, medo de ser, por sua vez, oprimidos pelas mulheres”, e acrescentamos que não somente pelas mulheres como também pelas demais identidades de gênero e orientação sexual, que fogem dessa ideia da hombridade.

Com isso, percebemos que nos processos que permeiam essa construção da masculinidade, e que posteriormente é assimilado como masculinidades, passando da ideia hegemônica para uma ideia centrada nos sujeitos. As configurações performáticas desses sempre estiveram interligadas a construções sociais, até mesmo na ideia de poder, em que, a priori, o homem que usufruía de privilégios passou a se sentir inseguro com as novas concepções de identidades sexuais masculinas, vivenciando, assim, a famosa crise da masculinidade, na qual entendemos como uma reconstrução da identidade masculina rompendo com a ideia normativa burguesa.

5.4 O ser másculo nas relações sociais

Ao longo do desenvolvimento do sujeito, este é moldado pela sociedade (o homem como um produto do meio), e este fato ocorre até mesmo com a sexualidade quando homens e mulheres são geneticamente definidos no processo médico (ultrassonografia). Dessa forma, como já discutido anteriormente, as representações sociais serão construídas a partir da ideia patriarcal, sendo o homem responsável por deter o poder. Retomamos Falconnet e Lefaucheur (1977) quando estes afirmam: “Triunfar e dominar”. E, é baseado nessa ideia, que entendemos os processos referentes ao ser masculino quando pensamos nas relações sociais.

Desde cedo uma criança é designada a um determinado papel social. Ou seja, quando ela nasce, com o sexo biológico masculino, existe toda uma representação social: seu quarto será azul; seus brinquedos serão carro, caminhão, bola, bonecos (super-heróis), etc. Em sendo esta criança um menino, quando este brigar com algum amiguinho na rua e apanhar sua família lhe dirá para que seja “homem”, isto é, que seja valente. Conhecemos bem o famoso enunciado – *homem não chora* -, significando que ele não pode fraquejar diante das

adversidades da vida. Sabemos que essas são representações sociais masculinas que estão presentes no cotidiano, portanto, é assim que se iniciam as relações com o meio social.

A representação do pai sempre foi de provedor da família, e esta socialmente é a imagem mais simbólica e importante para a construção de um menino, pois, é este que terá como obrigação, quando formar a sua própria família, educar seu/s filho/s para a vida social. Lemos (2011) afirma que,

a construção da masculinidade hegemônica parece responsabilidade do pai, que irá coibir quaisquer desvios ou anomalias comportamentais por parte dos filhos. A função da mulher seria a de contribuir neste empreendimento enquanto socializadora, entretanto, ao homem caberá a punição dos desvios (p. 9).

Quantas são as notícias que encontramos nos jornais atuais, em que garotos são espancados porque o pai o pegou usando batom; porque ele estava lavando os pratos ou simplesmente porque apresentou características femininas, conforme as ilustrações a seguir:

Ilustração 6: “Na minha família não tem viado”

The image shows a screenshot of a news article on the Forum website. The website's logo 'Forum' is at the top center. Below it is a navigation menu with categories: Política, Brasil, Global, Movimentos, Direitos, Cultura, Mulher, LGBT, Blogs, and Colunistas. A red button labeled 'Seja um apoiador' is on the right. A banner below the menu reads 'IMPRESA LIVRE E INDEPENDENTE' and 'Quem financia a Fórum é você, leitorx. Apoie por 9,90/mês e receba a Lado B todos os dias.' The article title is 'Em MG, pai espanca filho de 3 anos que brincou com batom: “Na minha família não tem viado”'. The text below the title reads: 'O homem, que é separado da mãe, ficou revoltado ao ver o filho brincando com um batom e com o rosto sujo de maquiagem; vítima foi atendida no Hospital da Criança de Uberaba (MG) e o agressor, detido'.

Acesso em 29 de fevereiro de 2019

Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/em-mg-pai-espanca-filho-de-3-anos-que-brincou-com-batom-na-minha-familia-nao-tem-viado/>

Menino de 8 anos é espancado até a morte pelo pai para 'andar como homem'

Alegando que o filho era 'afeminado', o pai bateu tanto que chegou a perfurar o fígado do menino, que também tinha sinais de desnutrição

O Estado de S. Paulo
05 de março de 2014 | 17h18

RIO - Com apenas 8 anos, o menino Alex foi espancado pelo pai Alex André Moraes Soeiro, de 34 anos, até a morte, na Vila Kennedy, zona oeste do Rio, no dia 17 de fevereiro. O motivo: o menino não queria cortar o cabelo para ir à escola. Em depoimento, o pai afirmou que batia frequentemente no filho porque o menino era muito desobediente.

Acesso em 29 de fevereiro de 2019

Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,menino-de-8-anos-e-espancado-ate-a-morte-pelo-pai-para-andar-como-homem,1137536>

Como apresentado por Lemos (2011), demonstrar algum traço no comportamento masculino que não seja classificado enquanto másculo, causa um estranhamento, passível de punição pelo pai, pois, como vimos é esse o responsável por manter a ordem e essa está estritamente relacionada com as normas sociais.

Percebemos também que a exemplo do que ocorre com o menino, o comportamento da menina é moldado e direcionado pelo pai que assume o ideal de masculinidade para a filha. Assim sendo, este será o modelo masculino que a menina procurará encontrar em seu futuro marido. Por isso, que essas representações elaboradas socialmente tornam-se tão importantes para as relações dos sujeitos.

Para além da família, teremos outras influências sociais que irão compor essa formação do ser másculo. De acordo com Falconnet e Lefaucheur (1997),

há alguns séculos se vem assistindo a um prolongamento do período de aprendizagem e aquisição de conhecimentos 'necessários' a uma vida adulta. Esse prolongamento empresta à família e à escola importância crescente na formação ideológica dos indivíduos. Toda uma série de instituições, de 'canais' ideológicos, difunde e reforça o trabalho efetuado pela família e a escola: a religião, o serviço militar, o mundo dos 'companheiros', os movimentos de juventude, de leituras infantis... E, no decorrer de toda a existência, a publicidade, os jornais, a televisão, o cinema continuam a inculcar a ideologia masculina, a disfarçar suas eventuais faltas perante as incertezas, a dificuldade e a tristeza da vida real (p. 147).

Dessa forma, inferimos que a construção da masculinidade é institucionalizada por diversas representações sociais, e que estas estão presentes ao longo da nossa vida, que muitas

vezes torna-se difícil dissociarmos desse ideal social. Contudo, compreendemos que o primeiro passo para que não tenhamos uma subalternização nas demais categorias de identidade de gêneros seria o respeito por estas. Desse modo, destituindo a relação de poder que durante séculos foi atribuída ao homem, assim, possivelmente, teríamos o diálogo entre as diferenças.

Não obstante, percebemos que se pensar novos formatos de relação social fora do proposto pelas instâncias sociais, torna-se uma tarefa difícil. Entretanto, ainda que em um ideal de sociedade utópico, pensar nos aspectos das masculinidades, nesse momento, entendemos que cada sujeito, a partir de sua realidade social, nos faz pensar em novas performatividades subjetivas do ser.

6. A PROSTITUIÇÃO

Ao refletirmos sobre a prostituição na sociedade ocidental, percebemos que esse comportamento está socialmente ligado às mulheres, as sacerdotisas. Tendo em vista que, na Grécia Antiga, com o passar do tempo, a prostituição começou a ser pensada como um combate à homossexualidade “que crescia de forma vertiginosa” (DINIZ, 2016, p. 48). Logo, a prostituição referente às mulheres começou a ser vista como um combate a este tipo de relação.

É importante salientar, que a prostituição era valorizada pelos deuses, pois era exercida por uma figura sagrada, a mulher, aquela que concebia a vida. Por essa razão, estes buscavam as deusas (mulheres), para conseguirem poder e respeito. Percebemos, portanto, que a figura feminina, nesta ocasião, possuía um certo privilégio social.

Entendemos, portanto, que o modelo de sociedade propagado pelas deusas, era predominantemente matriarcal. Assim, os deuses perceberam que esse modelo social os desfavoreciam, enquanto categoria masculina, e, por conseguinte, deu-se o início ao modelo patriarcal. Sendo assim, passou a existir uma inversão de valores, de grandes deusas, passaram a ser consideradas meras prostitutas, sem respeito e valor (FEIJÓ; PEREIRA, 2014).

Partindo dessa premissa, neste capítulo, abordaremos as questões que envolvem a prostituição a partir de aspectos econômicos-sociais, bem como, refletiremos sobre o sexo e a afetividade, observados nas relações do protagonista com os seus clientes (*Strapped*, 2010). Por fim, teceremos comentários a respeito da constituição social do beijo e sua representação na prostituição.

6.1 A prostituição: aspectos econômicos e sociais

Quando pensamos na historiografia de prostitutas e prostitutos, constatamos que estes sempre trilharam um caminho percebido, socialmente, como marginal. Prostitutos e prostitutas, elas bem mais do que eles, são vistos como pessoas promíscuas, logo indignas do respeito dos demais cidadãos.

Nesse sentido, não podemos desconsiderar o ponto de vista da mulher, pois, estas são mais atingidas com a marginalização da profissão, tendo em vista a condição que é posta à mulher socialmente. Além disso, a condição delas nessa profissão, sempre esteve ligada ao fator de satisfazer homens solteiros ou maridos frustrados em seus casamentos. Por estes

motivos, a Igreja e o Estado, durante um determinado período, reconheceram como uma necessidade, ainda que não fosse bem vista no âmbito social (PINHEIRO, 2006).

De acordo com Leite (2009 *apud* FEIJÓ; PEREIRA, 2014), o preconceito referente à prostituição, existe porque envolve a comercialização do sexo, a qual, sempre foi entendida como tabu, algo impuro, que não deve sair da intimidade. Assim, a estudiosa afirma que,

o maior preconceito é porque trabalhamos com sexo. Sexo é o grande problema, é o grande interdito das pessoas. E nós trabalhamos, fundamentalmente, com fantasia sexual, esse é o verdadeiro motivo da existência da prostituição. É um campo imenso. É uma babaquice dizer que só puta vende o corpo! E vender sua cabeça, quanto custa? O operário vende o braço, quanto custa? Todo mundo vende sua força de trabalho, que está no seu corpo (p. 45).

Concordamos com a tese defendida por Leite (*ibidem*), que todos nós vendemos nossa força de trabalho, por meio do nosso corpo. Logo, percebemos que diante da castração do sexo na sociedade, as(os) garotas(os) de programas, que utilizam do seu corpo para sua sobrevivência ou até mesmo, que compreendem a prostituição como um meio profissional, estão utilizando-se da mesma concepção dos modos de produção capitalista. Isto é, a venda da força de trabalho é percebida em ambas as situações.

Ao mesmo tempo que a prostituição gera lucros financeiros, ela, também, realiza os fetiches de homens e mulheres: os clientes. Ao mesmo tempo, motiva no âmbito social, a ideia de algo sujo e promíscuo. Esse pensamento coletivo da sociedade normativa, enxerga o sexo como algo que deve ser aprisionado na intimidade do sujeito.

No *corpus* selecionado, não conseguimos identificar com precisão qual a motivação que leva o protagonista a fazer uso dessa profissão. Ora ele demonstra ser somente por diversão, ora por questões econômicas, como podemos observar no exemplo (5), a seguir:

Exemplo 5: “Estou cobrando agora”; “Agente do desejo”

Leon: Mostre o seu pau, só a cabeça, só o olhinho...
 Eddy (GP): Por quanto?
 Leon: Como?
 Eddy (GP): Estou cobrando agora. Precisa pagar para brincar.
 Leon: Oh, não! Meu pequeno Eddy cresceu. Acho que vou chorar. É duro ver como se vão. Não senhor! Não danço mais, não sou mais puto. É mais uma puta que age com boa fé. Só com dinheiro! Por favor!
 Eddy (GP): Sou um agente do desejo.

Fonte: *Strapped* (2010)

Nesse momento, identificamos o compromisso de Eddy (GP), tanto em relação a oferecer o prazer, como também de receber sua recompensa financeira por este trabalho. O enunciado “Estou cobrando agora. Precisa pagar por isso.” e, logo em seguida, “Sou um agente do desejo”, apresentam essa dicotomia entre o desejo e o ato de cobrar para que este seja atendido.

No exemplo (6), agora com seu quarto cliente, nomeado como Sam, observamos que o garoto de programa, nesta ocasião identificado como Jeff, utiliza dos meios de prostituição como um modo de prazer, como também por questões econômicas.

Exemplo 6: “Um homem sempre precisa comer mais”

Sam (Cliente 4): O que vai fazer quando já tiver conhecido todos os homens?
 Jeff (GP): Quando tiver fodido com todos os gays da cidade?
 Sam (Cliente 4): Isso.
 Jeff (GP): Eu me mudo.
 Sam (Cliente 4): O herói migratório.
 Jeff (GP): É isso. Vou aonde meu corpo me levar.
 Sam (Cliente 4): Gosto disso. Gosto do jeito que pensa, por aí, vagando por algum lugar. Trazendo prazer ao mundo.
 Jeff (GP): Por um preço.
 Sam (Cliente 4): Certo. Não podemos dar prazer a nós mesmos, não é? Ninguém é altruísta.
 Jeff (GP): Um homem sempre precisa comer mais.
 Sam (Cliente 4): Que seja.
 Jeff (GP): Pagar aluguel.
 Sam (Cliente 4): Ah sim, aluguel. E ir à escola, possivelmente?
 Jeff (GP): Possivelmente.

Fonte: *Strapped* (2010)

É evidente neste diálogo que, para Jeff (GP), existe um preço para o prazer. Por essa razão, na sua vida, esse preço seria o necessário para conseguir pagar a comida, o aluguel e, “possivelmente”, ir à escola. Além disso, visualizamos no enunciado, “Um homem sempre precisa comer mais”, um duplo sentido, pois a frase, a princípio, trata da necessidade de sobrevivência, de não passar fome, mas em outra acepção possui a conotação sexual que esse homem sempre precisa receber prazer.

Sendo assim, os caminhos da prostituição tanto em um ponto de vista historiográfico como diante de pensamentos econômicos-sociais, marginalizam socialmente as(os) garotas(os) de programas ou podemos dizer, profissionais do sexo, enxergando estes como pessoas sujas e promíscuas. Em contrapartida, é necessário pensar que, numa perspectiva

profissional, esse trabalho lhes garante um sustento financeiro, bem como um auto reconhecimento de que seus corpos podem ser fruto de um comércio sexual, regidos por eles próprios. Dessa forma, o serviço não configuraria uma exploração, mas sim um trabalho árduo de desejo, satisfação e recompensa financeira.

6.2 O beijo na construção social e na prostituição

Em uma construção do pensamento social referente ao beijo, entendemos que esse sempre esteve presente na sociedade nas relações sociais e afetivas. Temos vários modos de interpretar o beijo, que pode tanto existir como uma demonstração de amor como também simbolizar a traição, tal como ilustrado na referência bíblica em que Jesus foi traído com um beijo de Judas⁸.

De acordo com Monteiro (1921, p. 17), o beijo seria, a partir de uma visão dos romancistas, “o laço espiritual de duas almas que se adoram, quer fazendo dêle o primeiro contato carnal de dois organismos que a Espécie aproxima”. Assim, também entendendo o beijo como “uma manifestação universal e um acto de todos os tempos” (p. 18).

É um fato que o beijo se manifesta de diferentes maneiras de expressões em variadas culturas. No Brasil, as mulheres costumam se beijar na face como um ato de cumprimento; enquanto, os homens optam por um aperto de mão ou quando muito um abraço a amigos e parentes mais próximos. Assim sendo, o beijo um referencial importante socialmente que agrega diferentes valores e significados.

Ainda tratando de suas manifestações no Brasil, sabemos que no carnaval (manifestação cultural) diversas pessoas saem às ruas com a intenção de beijar diferentes sujeitos, atitude essa entendida como brincadeira de competição entre grupos de amigos. Muitas vezes, essa intenção de beijar ultrapassa os limites, como o beijo roubado, sendo este considerado como um abuso sexual.

Em contrapartida, Monteiro (1921) afirma que o beijo estaria relacionado a uma ideia de amor.

O beijo é a primeira manifestação carnal do amor. O aperto de duas mãos trémulas – primeiro contacto carnal –, não representa ainda mais do que um desejo, uma promessa cheia de reservas, uma esperança, ou o contrário o desgosto de ver que podiam ser nossas certas concessões, que a ocasião ou sociedade coíbem (p. 19).

⁸ Na bíblia encontramos as seguintes indagações: Mateus 14:44 – “aquele que eu beijar é ele; prendam-no e levem-no embora sob vigilância”, disse Judas. Em Lucas 22:48, Jesus responde: “Judas, você está traindo o Filho do Homem com um beijo?”.

De fato, o beijo quase sempre está relacionado ao amor/afeto, ainda que na sociedade moderna se relacione também com o imediatismo das relações, com o ato de “ficar”, isto é, algo momentâneo sem o compromisso com uma relação futura, em oposição à concepção “espiritualizada” do beijo, como o entrecruzamento de duas almas ou uma troca de energia, na maioria das vezes positivas.

Nos diversos romances de histórias infantis, o beijo sacramenta a imagem do amor: Branca de Neve é acordada com um beijo após comer a maçã envenenada, assim como a Bela Adormecida também desperta de um sono prolongado após o beijo de amor de um príncipe. Desse modo, construiu-se no imaginário o papel do beijo com os enlaces amorosos.

No nosso *corpus* também observamos diversos tipos de beijos, sendo esses no contexto da prostituição. Verificamos que os(as) garotos(as) de programa, em geral, defendem a tese que a relação com o(s) seu(s) cliente(s) é apenas de ordem sexual e não afetiva. O beijo por carregar esse peso social do amor e da afetividade, não faria parte da performance desses profissionais. Assim, uns se negam a beijar na relação com o cliente, enquanto outros admitem, entretanto, os seus honorários sofrem acréscimos.

Assim sendo, constatamos no exemplo (7), essa negação ao beijo, quando o garoto de programa se opõe, a princípio, em aceitar a proposta de Gary, seu último cliente, que pagaria somente para ter um beijo e não o sexo, o que causa forte estranhamento no protagonista.

Exemplo (7): “E se eu não tocar a sua alma?”

<p>Gary (Cliente 5): Então... Quanto é? Eddy (GP): Depende. O que tem pensado? Gary (Cliente 5): Eu... Realmente quero te beijar. Eddy (GP): Fale de novo. Gary (Cliente 5): Quero apenas te beijar. Eddy (GP): Está brincando, né? Gary (Cliente 5): Não. Eddy (GP): Desculpa... é que eu não beijo. Gary (Cliente 5): Por quê? Eddy (GP): Não sei. É muito... é tão... É tão... Gary (Cliente 5): Íntimo? Eddy (GP): Isso. Gary (Cliente 5): É muito real. Eddy (GP): Sim. Gary (Cliente 5): 100 dólares para me beijar. Sou um grande beijador. Eu juro, juro que sou. Eddy (GP): Tenho certeza que você é! Mas... você é um cara muito bonito. Deveria encontrar alguém que... Gary (Cliente 5): Mas quero beijar você. 150? 160? Eddy (GP): Cara! Gary (Cliente 5): Deve ser mais do que consegui a noite inteira. Eddy (GP): Não tem nem idéia de quanto consegui fazer esta noite. Por quê? Gary (Cliente 5): Por quê o quê?</p>	<p>Eddy (GP): Por quê eu? E por quê agora? E não me diga que é porque sonhou comigo. Você tinha razão, é horrível. Quero dizer, não podemos apenas foder? Gary (Cliente 5): Não, não quero... Não quero foder. Eu quero... Eu quero te beijar. Quero te beijar profundamente. Por dias. Eddy (GP): Por que? Gary (Cliente 5): Porque se me beijar, não vou estar sozinho. Sabe? Sozinho, sozinho. Cinco minutos de merda. Então quando você ir, quando for... Posso ter... Posso ter cada beijo, posso lembrar de cada beijo. Porque o beijo será meu. Porque vai tocar a minha alma. É aí onde realmente preciso ser tocado agora. Não é no meu pau, nem no meu buraco... É aqui, é aqui, é nesse buraco aqui. E vou pagar por isso. Serei feliz pagando por isso. Eddy (GP): São as economias da sua vida? Gary (Cliente 5): Toma. 200, 200 dólares. Tudo o que precisa fazer é me beijar. Eddy (GP): O que acontece se eu “não tocar a sua alma”? Gary (Cliente 5): Pode rir se quiser. Eddy (GP): Não estou rindo de você. Cara, e se eu não conseguir? Gary (Cliente 5): É um risco que devo assumir. Eddy (GP): Ok. Então vamos beijar pela alma.</p>
---	---

Fonte: *Strapped* (2010)

No primeiro momento, percebemos de imediato o estranhamento do garoto de programa, quando Gary fala o que realmente quer do mesmo. Eddy, numa demonstração de incredulidade com o que acabara de ter escutado, em relação ao desejo do seu cliente, pede para que ele repita a proposta, questionando em seguida, “Está brincando, né?”. O pedido feito por Gary, parece-lhe fora de propósito, uma vez que, todas as relações com os seus demais clientes foram de teor apenas sexual.

A negação de Eddy, a princípio, abre espaço para entendermos que o beijo na relação garoto de programa e cliente seria como quebrar uma fronteira que está implicitamente pré-estabelecido, tanto pelos profissionais do sexo, como pela sociedade, uma vez que, essa sempre estigmatizou o beijo como sendo o entrecruzamento de duas almas. Quando Gary fala “É muito real”, demonstra exatamente que, a partir desse momento, o imaginário seria concretizado em uma relação real entre duas pessoas, na qual, suas almas se entrelaçariam. Fato este que não deixa Eddy nem um pouco confortável com a situação.

O pensamento profissional do protagonista fica evidenciado na seguinte indagação: “[...] não podemos apenas foder?”. O questionamento de Eddy reforça a posição dos profissionais do sexo em relação a seus clientes, demonstrando que o seu trabalho é com o sexo e não com as relações afetivas que possam se concretizar através do beijo.

Quando Eddy questiona Gary a respeito do seu desejo de beijar, este deixa transparecer o seu sentimento ao afirmar:

Porque se me beijar, não vou estar sozinho. Sabe? Sozinho, sozinho. Cinco minutos de merda. Então quando você ir, quando for... Posso ter... Posso ter cada beijo, posso lembrar de cada beijo. Porque o beijo será meu. Porque vai tocar a minha alma. É aí onde realmente preciso ser tocado agora. Não é no meu pau, nem no meu buraco... É aqui, é aqui, é nesse buraco aqui. E vou pagar por isso. Serei feliz pagando por isso (STRAPPED, 2010).

Nesse momento, compreendemos que Gary não quer sexo, não quer ter esse prazer carnal, o que ele realmente precisa é de alguém que toque a sua alma, que consiga tocar seu coração, para que ele possa reviver todo um sentimento que, possivelmente, está apagado. Ademais, quando questionado posteriormente pelo garoto de programa, “O que acontece ser eu ‘não tocar a sua alma’?”, Gary responde dizendo que assume as responsabilidades do que sentirá e a única coisa que Eddy precisa fazer é beijá-lo.

Não podemos deixar de evidenciar que Gary acabou pagando 200 dólares para conseguir que Eddy o beijasse, realizando assim o seu desejo. Contudo, é preciso reconhecer que foi um valor extremamente alto, quando fazemos a comparação com o valor que cobrou quando esteve no apartamento de Leon, que foi de 60 dólares para que fizesse sexo oral no amigo deste.

A priori, para Eddy só seria um beijo, ainda que compreendesse que seria uma troca de intimidades, para ele só seria um beijo profissional, ou seja, pelo dinheiro. Mas, o fato é que ele também teve sua alma tocada, o que podemos confirmar no exemplo (8), a seguir:

Exemplo 8: “Nunca ninguém me beijou assim antes”

<p>Gary (Cliente 5): O quê? O quê? Eddy (GP): Nunca ninguém me beijou assim antes.</p>
--

Fonte: *Strapped* (2010)

Assim, constatamos que a alma de Eddy também foi tocada. Seus sentimentos são despertados diante da troca de afetividade através do beijo com Gary, em que o protagonista

não consegue mais se controlar e chega ao ápice, que é a ejaculação. Observamos na opacidade do discurso de Eddy, “Nunca ninguém me beijou assim antes”, que em tempo algum o protagonista chegara ao ápice da relação com os seus clientes. Este tem consciência do seu papel de objeto sexual. Entretanto, o beijo conseguiu não somente tocar a alma de seu cliente, como também tocou a sua. Nesse momento, percebemos o surgimento de um vínculo afetivo-emocional entre os dois. Vejamos o exemplo (9), a seguir:

Exemplo 9: “Elevo-me na corrente do meu amor”

<p>Eddy (GP): É o que você queria? Gary (Cliente 5): Elevo-me na corrente do meu amor. Nascido desta chuva de luz. Cheio de você. E perdido. E então a luz chega aos meus olhos. Vistas do espelho de minha alma. E nos unimos novamente. Eddy (GP): Escreveu isso? Gary (Cliente 5): Não, mas... vou escrever.</p>
--

Fonte: *Strapped* (2010)

No exemplo (9), percebemos na declamação do poema, que os sentimentos mais profundos afloram em Gary, a partir do beijo. Através de suas palavras identificamos um renascimento dos seus sentimentos que aparentemente foi ou estava corrompido, possivelmente, por algo que aconteceu. Tal fato fica perceptível quando ele diz: “E então a luz chega aos meus olhos”. Deste modo, fica evidenciado a escuridão que permeava a sua vida, que entendemos como a ausência de afeto/amor. O beijo para Gary representa o encontro de duas almas.

Com isso, verificamos que o beijo de fato representa as expressões subjetivas dos sujeitos, podendo acontecer de maneira positiva ou negativa. O beijo pode representar um ato de amor, de amizade, de traição ou até mesmo um ato abusivo. Em suma, compreendemos o beijo como uma demonstração de sentimentalismo, que faz parte dos sujeitos enquanto seres humanos. Passam-se as gerações, as concepções de beijo mudam, entretanto, sua essência sempre permanecerá a mesma. Ele sempre será a cerne dos romances, entendido como a expressividade dos laços afetivos.

6.3 A liberdade

Durante o período da revolução francesa o lema: “liberdade, igualdade e fraternidade”, ficou muito marcado nesse momento histórico. Esses eram os três princípios idealizados pelos franceses.

Diante do exposto anteriormente, percebemos que os movimentos sociais prezam por esse lema, pois, sempre buscam que o sujeito tenha uma liberdade na sua vivência sexual, social, política, como também uma igualdade de direitos e que este viva de maneira fraterna na sociedade. Ainda que, esses movimentos não utilizem o mesmo lema, as ideias apresentadas são essas.

Quando refletirmos sobre o pensamento kantiano, a liberdade em uma ideia positiva seria seguir conforme a lei, e em uma ideia negativa, é não ter a interferência de fatores externos no seu modo de vida. E, ao analisarmos essa ideia de liberdade em Kant, compreendemos que o segundo, o fator negativo, está estritamente relacionado com a nossa sociedade ocidental, pois, a ideia de liberdade relaciona-se com ser livre, ter suas próprias regras. Contudo, a moral e a ética não estão dissociados da liberdade, desse modo, seria uma autonomia a partir de determinados princípios (CAPPELLANO, 2015).

Ademais, inferimos que em uma concepção mais contemporânea, entendemos a liberdade como desprender-se das amarras da vida, como o próprio título do filme – *Strapped* – sugere em um primeiro momento. Não obstante, o filme em dois dados momentos apresenta um simbolismo de liberdade muito forte a partir do Grifo, fazendo relação com o protagonista. Vejamos na ilustração (8):

Ilustração 8: “O Grifo”



Fonte: *Strapped*, 2010

O Grifo é uma figura mitológica que era o guardião dos tesouros de diversos deuses da mitologia grega. Além disso, a identidade do grifo é uma mistura de dois animais, a águia e o leão. A respeito dessa figura, percebemos que a águia possui a capacidade de voar e tem grande agilidade, sendo considerada a rainha dos céus, transmite uma ideia de liberdade. Quanto ao segundo, o leão, é considerado o rei da selva, transmite uma ideia de força. Os dois animais unificados demonstram toda a excepcionalidade dessa figura mitológica.

Essa imagem é muito significativa no nosso *corpus*, pois, o primeiro momento que aparece o Grifo é no final da primeira cena e no final da última cena. E, é significativo, porque percebemos que o protagonista caminha por um labirinto de vivências e experiências relacionado tanto com a sua vida sexual como a afetiva.

Em uma das últimas cenas do filme, depois do garoto de programa beijar Gary, criando laços afetivos, ele presenteia Gary com o Grifo, com a justificativa que essa figura guarda um tesouro. Vejamos a ilustração (9) a seguir:

Ilustração 9: “Ele guarda um tesouro”



Fonte: *Strapped*, 2010

Logo, entendemos esse gesto como um sinônimo de liberdade que o protagonista vivencia em sua vida. E, como Gary é o responsável por fazê-lo sentir-se livre das amarras sociais a respeito da sua sexualidade, recebe o Grifo como uma simbologia da relação afetiva que se pressupõe que passará a existir entre os dois. Dessa forma, o Grifo estaria atrelado de uma maneira simbólica à vida do protagonista. Razão porque o mesmo pega para si o Grifo na cena inicial do filme e entrega-o para Gary, que foi aquele que conquistou a sua confiança, tocou a sua alma e contribuiu para o reconhecimento da sua “verdadeira” identidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos sobre a construção da identidade sexual masculina, este que é o nosso objeto de estudo. Tivemos como objetivo identificar na opacidade dos discursos a vivência da sexualidade do protagonista do filme *Strapped* (2010) em que se confronta com várias representações da sexualidade masculina envolvida na construção da identidade do sujeito.

Assumimos como objetivos específicos as seguintes indagações: (1) Discutir sobre as questões que norteiam a vivência das sexualidades a partir das relações presentes no filme; (2) Entender a influência social da identidade sexual masculina como também os caminhos positivos e negativos dessa inferência.

Diante disso, refletimos sobre as questões que estão relacionadas com as temáticas, sendo essas, os estudos de gênero e sexualidades; a visão social da masculinidade, como também o processo de construção da identidade do sujeito, que foram as nossas categorias de análise. Não obstante, a partir das discussões, tivemos a oportunidade de entender o pensamento social, o formato de sociedade que fazemos parte e as diversas configurações que surge ao longo da construção da identidade sexual masculina correlacionada com o meio social.

A partir disso, o nosso trabalho se justificou no entendimento de que na sociedade ocidental as normas sociais influenciaram e influenciam na vivência da sexualidade, que vimos em Foucault (1988), quando este reconstrói a história da sexualidade, focando num primeiro momento na repressão que o sexo teve no meio social. Tomamos como pressuposto que as questões sociais influenciam em uma construção de uma identidade normativa, oprimindo uma vivência sexual que foge dos padrões da sociedade, que foi possível comprovar ao longo desta produção.

Dessa forma, retomamos ao questionamento que norteou este trabalho: Como a sociedade ocidental entende a sexualidade masculina correlacionada com as questões sociais que envolvem as sexualidades?

Identificamos, que o modo na qual a masculinidade foi produzida no contexto social, como também percebemos no nosso *corpus*, cooperou para uma evolução do pensamento patriarcal, machista e sexista, que está presente na sociedade até os dias atuais. Além disso, a ideia social da heteronormatividade, promulga um pensamento de uma identidade hegemônica, assim, colocando em evidência as pessoas que não se identificam desta maneira, esses sofrendo diversas violências por não estarem inseridos dentro dos padrões sociais.

No nosso *corpus*, percebemos diante da vivência do protagonista, que este estava em busca de desprender-se das amarras, sendo assim, descobrindo a sua identidade sexual. Depois de muitos conflitos sociais, pessoais, como também da profissão de garoto de programa, observamos que no final do filme o protagonista consegue se encontrar nesse labirinto que são as sexualidades.

A cena em que o protagonista dar o Grifo de presente a Gary, seu último cliente, nos permite concluir diante da figura do Grifo, que o personagem principal conseguiu encontrar a sua liberdade, conseguiu sentir-se desprendido das amarras da sua sexualidade e, principalmente, da sua identidade sexual masculina.

Diante disso, ressaltamos a importância deste trabalho para a produção científica, tendo em vista, que os estudos sobre a identidade sexual masculina, no Brasil, estão encetando, assim, precisando de produção científica. Dessa forma, compreendemos a necessidade deste estudo para uma maior notoriedade da temática proposta.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Camila. Grifos – Mitologia grega in: **Estudo Prático**. Agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/grifos-mitologia-grega/>> Acesso em: 30 de abril de 2019.
- AMARAL, Rita de Kasia Andrade. O papel do cinema na construção da(s) identidade(s): A representação de Ousmane Sembène do Senegal da década de 60. In: XI Encontro Nacional de História Oral Memória, Democracia e Justiça, 2012, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos XI Encontro Nacional de História Oral Memória, Democracia e Justiça**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. v. 1. p. 1-15.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL, Nações Unidas. **Brasil é um dos países que registram mais agressões contra pessoas LGBTI**. Fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/brasil-e-um-dos-paises-que-registram-mais-agressoes-contra-pessoas-lgbti/>> Acesso em: 27 de maio de 2019.
- CAMPOS JR, Luis de Castro. Cinema, História e Literatura: Possibilidades de Diálogo. **V Congresso Nacional de História e Mídia**, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/cinema-%20Historia%20e%20Literatura%20Possibilidades%20de%20Dialogo..pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2019.
- CAPPELLANO, Nina. KANT: a liberdade, o indivíduo e a república in: **Jusbrasil**. Abril de 2015. Disponível em: <<https://ninacapp.jusbrasil.com.br/artigos/148401929/kant-a-liberdade-o-individuo-e-a-republica>> Acesso em: 30 de abril de 2019.
- DINIZ, Ana Cláudia Araújo et al. **Poder e sexo: uma análise dos territórios de prostituição no centro de Campina Grande-PB**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- Embaixada da França no Brasil. LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE**. Disponível em: <<https://br.ambafrance.org/Liberdade-Igualdade-Fraternidade>> Acesso em: 30 de abril de 2019.
- FALCONNET, Georges; LEFAUCHEUR, Nadine. **A fabricação dos machos**. Trad. Clara Ramos. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- FEIJÓ, Maurício Eduardo Vasconcelos; PEREIRA, Jesana Batista. PROSTITUIÇÃO E PRECONCEITO: UMA ANÁLISE DO PROJETO DE LEI GABRIELA LEITE E A VIOLAÇÃO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 2, n. 1, p. 39-57, 2014.
- VIANA JÚNIOR, Mário Martins. MASCULINIDADES: AMPLIANDO O DEBATE. **Revista Fórum Identidades**, p. 87-108, 2017.

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. **Diversidade Religiosa**, v. 1, n. 1, 2011.

LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa gênero?. **Sociedade e Estado**, 2006, 21.3: 711-724.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-posições, 2008, 19.2: 17-23.

MARTINS, Eduardo de Carvalho; IMBRIZI, Jaqueline Maria; GARCIA, Maurício Lourenção. Cinema, subjetividade e sociedade: a sétima arte na produção de saberes. Uma experiência de extensão na Universidade Federal de São Paulo. **Revista de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 53-64, 2017.

MIRANDA, André; RODRIGUES, Eduardo. Conteúdo de 'Azul é a cor mais quente' dificulta lançamento em blu-ray no Brasil in: **O Globo**. Fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/conteudo-de-azul-a-cor-mais-quente-dificulta-lancamento-em-blu-ray-no-brasil-11705611>> Acesso em: 20 de abril de 2019.

MONTEIRO, Germano Coutinho de Campos. **O beijo**: tentativa psico-fisiológica. 1921. Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina do Porto.

MUSZKAT, Malvina. **Consciência e Identidade**. Série Princípios nº73. São Paulo: Ática, 1986.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

STRAPPED. Direção de Joseph Graham. Estados Unidos da América: TLA Releasing, 2010. 1 DVD (95 min.).

VIRGENS, André Ricardo Araujo. A homossexualidade no cinema brasileiro contemporâneo: o ponto de vista do mercado in: **Revista universitária do audiovisual**. Setembro de 2013. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/a-homossexualidade-no-cinema-brasileiro-contemporaneo-o-ponto-de-vista-do-mercado>> Acesso em: 20 de abril de 2019.